

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DE ARTES E ARQUITETURA
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

LILO CECCATTO LUCHESE

**A ARTE NA PEDAGOGIA SOCIALISTA: A UNIÃO SOVIÉTICA DA DÉCADA DE
1920**

**CAXIAS DO SUL
2022**

LILO CECCATTO LUCHESE

**A ARTE NA PEDAGOGIA SOCIALISTA: A UNIÃO SOVIÉTICA DA DÉCADA DE
1920**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de licenciade em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a Ma. Cláudia Zamboni de Almeida.

**CAXIAS DO SUL
2022**

LILO CECCATTO LUCHESE

**A ARTE NA PEDAGOGIA SOCIALISTA: A UNIÃO SOVIÉTICA DA DÉCADA DE
1920**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de licenciade em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a Ma. Cláudia Zamboni de Almeida.

Aprovade em __/__/____

Banca Examinadora

Prof.^a Ma. Cláudia Zamboni de Almeida
Universidade de Caxias do Sul

Prof.^o Dr. Ramon Victor Tisott
Universidade de Caxias do Sul

Dedico este trabalho a toda camaradagem do PCB e seus coletivos de Caxias do Sul. Dedico a todes nós, arte-educadores, o mundo é um lugar melhor com a gente. Por último, mas não menos importante, à minha mãe, a professora de artes que inspirou todo esse caminho.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar preciso agradecer meu amigo Anderson. Foi ele quem me apresentou à mulher que hoje é minha referência. Se a gente não tivesse conversado sobre minha grande frustração (avaliação com nota!), muito provavelmente demoraríamos para falar sobre Nadezhda Konstantinovna Krupskaya. Por isso, e por sempre se dispor a tirar minhas dúvidas com relação a literalmente qualquer coisa, obrigada, camarada!

Em segundo lugar, mas de igual importância ao primeiro, preciso agradecer meu namorado Henrique. Meu companheiro, meu parceiro, meu camarada. A pessoa mais incrível e inteligente que conheço e que tenho a honra de compartilhar alegrias e tristezas. Obrigada por ter ficado ao meu lado nos momentos em que surtei e tive crises e por colocar meus pés no chão sempre que eu saía por aí flutuando.

Agradeço a um trio especial de mulheres incríveis! Renata, minha psiquiatra, que me ajudou a ficar firme esse ano, a manter o foco e a lucidez. Minhas duas Cláudias: minha professora e orientadora deste TCC e minha psicóloga. Elas também tiveram que lidar com minhas maluquices e com certeza foram as pessoas mais sábias que me aconselharam nesse processo todo. Se minha cabeça não explodiu e eu não saí gritando no meio da rua foi graças a esse trio maravilhoso. Obrigada por tudo!

Agradeço do fundo do coração ao meu amigo Paulo. Foi ele quem se dispôs a revisar este trabalho que é um reflexo da bagunça incontrolável que é minha cabeça. Obrigada pela parceria, camarada. Tu é incrível!

Um grande obrigado pras minhas colegas e meus colegas de Licenciatura em Artes. O apoio que a gente se dá é incomparável, nós somos gigantes! Em especial, minha colega e amiga de infância, Júlia. Obrigada por ser essa pessoa incrível que sempre se dispõe a conversar comigo sobre qualquer assunto e por dividir comigo as inseguranças que ambas compartilhamos.

Minha família também precisa estar aqui por ter apoiado meu sonho de ser professora. Obrigada por terem ficado do meu lado! O nome do Nino, da Amora e da Nala, meus gatos, precisa aparecer, porque entre uma página e outra eram eles que eu amassava.

Todos os meus amigos, minhas amigas e amigues, a camaradagem do PCB e, especialmente, minhas camaradas do Coletivo Feminista Classista Ana Montenegro. Obrigada por sempre acreditarem no meu potencial e me darem força!

Todas as professoras que tive durante o curso de Artes da UCS. Elas são simplesmente o maior exemplo que eu tenho pra minha vida docente. Obrigada por tudo que me ensinaram!

Um obrigado super especial pras crianças, adolescentes e adultos que tive a oportunidade de conhecer nos meus estágios obrigatórios. O aprendizado foi infinito e eu vou lembrar de cada um pro resto da minha vida! Com eles também agradeço ao pessoal do Quindim, principalmente Itelvina e Nathi, amigas e mulheres que admiro demais. O que aprendi com vocês duas não tem comparação. Obrigada por sempre me ouvirem e me darem conselhos tão importantes!

Amor é pouco pra toda essa gente que listei e agradei aqui.

Sem vocês eu já teria desistido de tudo há muito tempo.

Obrigada! <3

Enquanto a organização da questão escolar estiver nas mãos da burguesia, a escola do trabalho será um instrumento dirigido contra os interesses da classe operária. Apenas a classe operária pode fazer da escola do trabalho um instrumento de transformação da sociedade moderna.

Nadezhda K. Krupskaya

RESUMO

Ao questionar com o intuito de entender como a arte foi abordada na pedagogia socialista da União Soviética durante a década de 1920, o estudo presente neste TCC se baseia no materialismo histórico-dialético, método desenvolvido por Karl Marx, e em levantamento bibliográfico. Seu objetivo é analisar de que forma os pioneiros da educação socialista, depois da Revolução Soviética, reformaram e implementaram um novo conceito de educação no país. Para isso, foram utilizadas publicações sobre a revolução russa, sobre o trabalho dos pedagogos soviéticos no campo da educação e sobre o desenvolvimento das propostas para o ensino de arte nas escolas russas. A pesquisa realizada pôde responder ao questionamento inicial ao constatar a existência das Escolas-Comunas, locais de experimentação onde pedagogos e pedagogas socialistas aplicavam, na prática, as propostas da escola única e do trabalho. O estudo também identificou a presença do ensino de arte nas Escolas-Comunas e o papel do exercício docente dos professores de arte na construção da pedagogia socialista.

Palavras-chave: arte; pedagogia socialista; Escola-Comuna; União Soviética; Revolução Soviética.

ABSTRACT

Starting from the question to understand how art was approached in the socialist pedagogy of the Soviet Union during the 1920s, this final paper is based on dialectical materialism, a method developed by Karl Marx, and on a bibliographical survey. Its objective is to analyze how the pioneers of socialist education, after the Soviet Revolution, reformed and implemented a new concept of education in the country. For this purpose, I used publications on the Russian revolution, on the work of Soviet pedagogues in the field of education and on the development of proposals for teaching art in Russian schools. The research carried out was able to respond to the initial question by verifying the existence of Soviet Schools/Communal Schools, locations for experimentation, where socialist pedagogues applied, in practice, the proposals of a single school and work. The study also confirmed the teaching of art in Soviet Schools/Communal Schools and that the teaching practice of art teachers occupied an important place in the construction of socialist pedagogy.

Keywords: art; socialist pedagogy; School-Commune; Soviet Union; Soviet Revolution.

LISTA DE SIGLAS

MUZhVZ	Escola de Pintura, Escultura e Arquitetura de Moscou
NarKomPros	Comissariado Nacional da Educação
POSDR	Partido Operário Social-Democrata Russo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 A REVOLUÇÃO RUSSA.....	17
2.1 O PARTIDO.....	19
2.2 AS DUAS FRAÇÕES.....	21
2.3 O ESTOPIM.....	22
2.4 RENASCE O PODER POPULAR.....	24
3 A PEDAGOGIA SOCIALISTA.....	29
3.1 ESCOLA ÚNICA E DO TRABALHO: O EXPERIMENTO DA ESCOLA-COMUNA.....	31
3.2 O ENSINO DE ARTE NA ESCOLA-COMUNA.....	34
4 CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS.....	42
ANEXO A - TRANSCRIÇÃO DA PROCLAMAÇÃO DO COMISSÁRIO DO POVO PARA A EDUCAÇÃO.....	44
ANEXO B - TRANSCRIÇÃO DA DELIBERAÇÃO DO COMITÊ EXECUTIVO CENTRAL DE TODA A RÚSSIA.....	49

1 INTRODUÇÃO

Como preâmbulo deste estudo, irei relatar o fato que desencadeou o interesse pela temática que será abordada nesta monografia. A história começou em 2019, quando dois amigos conversavam após se exercitarem em uma academia de musculação. Na época, eu, uma dessas pessoas, era bolsista do PIBID¹ em Artes Visuais. Durante a vigência da bolsa de iniciação à docência, comecei a me questionar sobre como avaliar o desempenho dos meus alunos. Na época, um dos teóricos que embasavam minhas ações era Fernando Hernández. Os tipos de procedimentos que podem ser utilizados na avaliação são variados e obtêm sentido à medida em que se trabalha com uma disciplina que se manifesta de forma tão subjetiva em cada ser humano. Segundo esse autor, ao fazer uma avaliação em arte-educação, pode-se levar em conta os seguintes aspectos:

- O conhecimento e a compreensão sobre os fenômenos e problemas relacionados com a arte, as obras e os artistas;
- A capacidade de dar forma visual às ideias;
- A argumentação que apoia temas e questões relativas à arte;
- A descrição, análise e interpretação das obras de arte e de seus significados;
- A curiosidade, a inventividade, a inovação, a reflexão e a abertura a novas ideias;
- A clareza no momento de expressar ideias, de maneira oral e escrita, sobre a arte;
- O fato de expressar e sintetizar ideias nas discussões sobre arte ou sobre as produções artísticas;
- A diferenciação das qualidades visuais na natureza ou no meio humano;
- A participação ativa em todas as atividades;
- A competência na utilização das ferramentas, dos equipamentos, dos processos e das técnicas relacionadas com as diferentes manifestações da cultura visual;
- As atitudes para as manifestações artísticas e seu papel na vida das pessoas (HERNÁNDEZ, 2000, p. 162).

Nesse mesmo dia, quando os dois amigos conversavam, o assunto do PIBID surgiu e a questão de métodos avaliativos foi um dos tópicos principais. Eu contava a ele como as proposições de Hernández sobre a avaliação faziam sentido para mim, já que o olhar atento e zeloso do professor se faria presente, ao invés de simplesmente atribuir um número ao desempenho da/do estudante. Meu amigo contestou essas proposições ao dizer que isso poderia acabar sobrecarregando os

¹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

professores, que já têm uma rotina escolar abarrotada, estudantes para atender e múltiplas tarefas para cumprir.

Eu, tão deslumbrada com os pressupostos teóricos de Hernández, esqueci desse fator inerente à realidade de qualquer professor no Brasil: a exploração do trabalho. Essa virada durante o diálogo foi a chave para que eu entendesse que de nada adiantaria existirem métodos alternativos aos já empregados se eles, ao invés de auxiliarem os professores, apenas aumentassem a sua carga de trabalho. No fim, de qualquer forma, os professores teriam de seguir a fórmula imposta e atribuir um número qualquer ao desempenho de cada estudante. No fim da conversa, nós dois concordamos que, no capitalismo, não é possível superar completamente alguns problemas sem antes superar o próprio sistema. Sem essa superação, estancamos momentaneamente a ferida, mas, sem curá-la, continuamos a reproduzir as problemáticas que são da essência do capitalismo.

A minha insegurança em precisar traduzir uma avaliação em um número se mantinha. Foi aí que ele lembrou e sugeriu que eu pesquisasse a obra da pedagoga Krupskaya, que atuou na revolução soviética de 1917, e ocupou o cargo de Ministra da Educação da União Soviética de 1929 até sua morte, em 1939. Ele não conhecia a fundo o trabalho, mas sabia da existência e da importância da pedagoga. Seguindo os conselhos de meu amigo, investiguei sobre a vida e a obra da pedagoga e percebi que poderia ser uma fonte muito rica de conhecimentos que me fizeram refletir não apenas sobre como avaliar a aprendizagem de meus alunos, mas também sobre o papel da educação, da escola e dos educadores.

Conforme a minha curiosidade se aguçava sobre esse assunto, descobri que, durante a revolução soviética, as pedagogas e pedagogos também demonstravam preocupação com o ensino de Arte nas escolas. Nessa descoberta também me deparei com nomes de mulheres e homens que, em um esforço conjunto, pensaram na importância da arte na educação e em como torná-la acessível, em como tornar a escola parte da vida das pessoas. Aos poucos fui percebendo mais uma possibilidade de pensar a arte-educação, além das já estudadas na graduação.

Habituada a levar em conta os estudos de Ana Mae Barbosa² na hora de planejar minhas aulas, me dei conta que meu repertório teórico não me satisfazia mais, porque sentia que apenas elencar conteúdos e adequá-los a uma metodologia não era suficiente diante das problemáticas impostas pelo capitalismo. Comecei a

² Arte-educadora brasileira que sistematizou a Abordagem Triangular.

reparar que o trabalho feito na União Soviética também poderia subsidiar o meu exercício docente em artes, porque romper com o pensamento dominante que prega a escravidão por meio do trabalho é pensar em uma vida digna e justa para todos os seres humanos, é pensar no socialismo. Utilizando as noções de auto-organização da escola do trabalho, abordando temas relacionados à luta de classes, um debate sobre o entrelaçar da vida e da arte parecia possível.

Foi graças ao diálogo aqui descrito que o desejo em aprofundar o estudo sobre a pedagogia soviética foi despertado. O trabalho de conclusão de curso pareceu oportuno para dar andamento ao estudo. Como a arte foi abordada na pedagogia socialista da União Soviética durante a década de 1920?

O estudo presente neste TCC se baseia no materialismo histórico-dialético, método desenvolvido por Karl Marx, e em levantamento bibliográfico. O objetivo é analisar de que forma os pioneiros da educação socialista, depois da Revolução Soviética, reformaram e implementaram um novo conceito de educação no país. As publicações utilizadas para embasar a pesquisa são sobre a revolução russa, sobre o trabalho dos pedagogos soviéticos no campo da educação e sobre o desenvolvimento das propostas para o ensino de arte nas escolas russas.

O materialismo histórico-dialético não possui uma receita pronta, não pode ser encarado como uma checklist, não permite que o objeto de estudo seja recortado e isolado do seu contexto. Não é um apanhado de regras que podem ser escolhidas de acordo com o interesse do sujeito que pesquisa. O objeto de pesquisa não pode ser manipulado para que o resultado seja o que quer ou espera que seja (por mais incômodo que, às vezes, o resultado possa ser). O que comanda o estudo é a própria estrutura e dinâmica do objeto, ou seja, a extração (e explicitação) das múltiplas determinações que o compõem.

O que utilizamos para articular nossa relação com o objeto são três categorias: totalidade, mediação e contradição.

A totalidade está presente em nossa concretude, na luta de classes, na sociedade burguesa. No entanto, essa totalidade não se comporta de forma isolada. Ela atua em totalidades de maior e menor complexidade que se entrelaçam influenciando umas às outras. O método exige que quem investiga se posicione com

relação à totalidade concreta, na perspectiva de Marx, da sociedade burguesa³ e da luta de classes⁴. Para tanto, é preciso reconhecer que a sociedade possui constante movimento e, que nesse movimento, estão articuladas também as categorias de contradição e mediação.

Mediação, na ótica marxista, são as dimensões mediatas dos procedimentos e objetos, elementos que construímos e reconstruímos ao analisar. Tudo, para chegar a sua conclusão, passa por diversas mediações que vão se interligando.

As contradições, por sua vez, são as relações íntimas que existem entre realidades diversas. Trata-se dos princípios básicos que a sociedade e as relações humanas são regidas, é o que faz com que se movam.

O objeto desta pesquisa está inserido em uma realidade burguesa na sua totalidade, mas sua totalidade é instrumentada por totalidades de menor complexidade, que não são inertes, ou mortas, como traz a teoria de Marx. A Rússia da década de 1920 tem suas próprias determinações, suas próprias dinâmicas. O movimento e a contínua transformação do objeto que será apresentado no decorrer do trabalho ficará mais clara ao longo dos capítulos.

No capítulo "A Revolução Russa" veremos de que forma se dão as movimentações que culminaram na Revolução Russa. Através de publicações históricas e textos publicados pelos próprios agentes revolucionários da época, conheceremos os motivos que originaram os sentimentos de revolta impressos no povo russo ainda nos anos 1700, a repressão violenta que o czarismo impunha cotidianamente à sua população e o início das atividades de grupos revolucionários de orientação socialista nos anos 1800. Ao final dos anos 1800 surge o POSDR, primeiro partido organizado em torno de um objetivo comum: a derrubada do sistema czarista e a implementação do socialismo. Por disputas e discussões internas o partido será palco de uma divisão: de um lado os mencheviques e do outro os bolcheviques. Veremos também que, mesmo sofrendo por desorganização, o espírito revolucionário não se desfez, culminando nas revoluções de 1905 e de 1917, sendo a última o grande momento de triunfo da revolução socialista.

³ É a sociedade que se funda no modo de produção capitalista, que segue vigente até hoje. Foi desenvolvida durante a Revolução Industrial, fruto de mudanças econômicas, sociais e políticas (IMPERIALISMO... 2012, p. 9).

⁴ É a "luta que o proletariado é chamado a conduzir contra a burguesia. [...] a revolução radical invocada por Marx e Engels não persegue apenas a libertação/emancipação da classe oprimida (o proletariado), mas também a libertação/emancipação das nações oprimidas" (LOSURDO, 2015, p.20).

No capítulo “A pedagogia socialista”, ficarão claros os esforços da revolução soviética no campo da educação e, mais especificamente, no ensino de arte. A necessidade de reorganizar todos os âmbitos da sociedade se torna uma realidade e a educação ocupa papel primordial neste processo. Da mesma forma que a vida da população russa era miserável por conta do governo czarista, a realidade dos professores russos também era. A censura em sala de aula, por exemplo, era prática comum. Por isso, entenderemos os motivos dos esforços de educadores como Krupskaya, Lunacharsky e Pistrak em reestruturar toda a educação. Esse grupo, em parceria com outros educadores, se propõem a desenvolver o que se tornaria a pedagogia socialista e, também, os ambientes onde se experimentaria essa nova pedagogia: as Escolas-Comunas. Por último, veremos de que forma os elementos abordados por essa nova pedagogia se fazem presentes no ensino de arte nas Escolas-Comunas. Para isso, Bashilov, professor e artista, norteia o entendimento das propostas.

Retomando a questão, de que forma a arte foi abordada na pedagogia socialista da União Soviética durante a década de 1920? Responder a essa pergunta é a proposta deste trabalho, que se propõe a investigar de que maneira a arte, enquanto matéria escolar, se torna relevante no processo de desenvolvimento de uma sociedade socialista.

2 A REVOLUÇÃO RUSSA

“O proletariado, sendo como é por sua situação, a classe mais avançada e a única conseqüentemente revolucionária, está chamado, por isso, a desempenhar o papel dirigente no movimento geral democrático revolucionário na Rússia.”

Lenin

Neste capítulo, veremos de que forma se deram as movimentações que culminaram na Revolução Russa. Um dos princípios do materialismo histórico-dialético é o entendimento de que tudo está em movimento, inclusive o próprio movimento. Quando um conjunto de comportamentos, crenças, conhecimentos em uma sociedade se altera bruscamente, ocorre uma quebra de paradigma. No entanto, essa quebra não acontece de um dia para o outro, porque o ser humano está, constante e inevitavelmente, em confronto com ações, reações e problemas interligados que precisam ser solucionados (KONDER, 2008). Nesses confrontos e ações a humanidade se depara com contradições. No caso da revolução russa, analisar a influência que o poder do czar tinha sobre a vida da população (especialmente a da classe trabalhadora), permite compreender os movimentos desempenhados por grupos revolucionários em todos os âmbitos da vida na época e, no caso deste trabalho, o campo da educação em artes.

A Revolução Russa é reconhecida como um evento histórico de importância mundial e representou um marco na história do poder popular e da construção do socialismo. Ela se divide em dois momentos: a primeira revolução, de 1905, considerada um ensaio para a segunda revolução, de 1917. Amazonas (1992) sintetiza o que foi esse período de 1905 e 1917 ao dizer que:

A Revolução Socialista iniciava uma fase sem precedentes que exigia recriar em todos os seus múltiplos aspectos a organização da vida da sociedade. Nada, ou muito pouco, poder-se-ia utilizar do velho regime derrubado. O Estado, ditadura das classes opressoras, tinha de ser aniquilado, como também a estrutura econômica baseada em relações sociais de produção capitalista. Um novo Estado, em essência a ditadura do proletariado, e instituições de cunho democrático a serviço das massas trabalhadoras, bem como um outro sistema de produção, socialista, deviam ocupar o lugar daquilo que havia sido destruído.

Antecedente à Revolução, o Império Russo, que existia desde os anos 1700, era comandado por czares cujo regime de governo gerava fome, miséria, exploração das classes menos favorecidas e violência intensa e constante.

[...] assassinavam e martirizavam os operários, sobretudo, durante as greves, quando estes, abandonavam o trabalho por não mais poderem suportar os vexames dos patrões. Na Rússia czarista, os operários e camponeses careciam até dos direitos políticos mais elementares. A autocracia czarista era o pior inimigo do povo (HISTÓRIA..., 1999).

O czarismo seguia uma política de homogeneização da população: promovia a discórdia e o ódio entre os povos, reprimia manifestações culturais, censurava a publicação de jornais e revistas em línguas que não fossem o russo, além de proibir nas escolas o ensino ministrado em línguas que não fossem o russo. As condições da classe trabalhadora não eram diferentes:

[...] a jornada de trabalho, nas fábricas e empresas industriais, não era nunca inferior a 12 horas e meia, e na indústria têxtil chegava até 14 e 15 horas. Explorava-se em grandes proporções o trabalho da mulher e da criança. Os meninos trabalhavam o mesmo horário dos adultos, porém ganhando, assim como as mulheres, salários muito inferiores. O nível dos salários era extraordinariamente baixo. Havia muitos operários que só ganhavam 7 ou 8 rublos por mês. Os operários melhor pagos das fábricas metalúrgicas e de fundição só ganhavam 35 rublos mensais. Não se tomava nenhuma medida de proteção do trabalho, o que originava acidentes em massa e constantes mortes de operários. Não se conhecia o seguro-operário, e a assistência médica só a obtinha aquele que pagasse. Os operários viviam em condições horríveis, empilhados em tugúrios, em casas de cômodos, à razão de 10 a 12 homens em cada quarto (HISTÓRIA..., 1999).

É na década de 1870 que tem início a organização de grupos revolucionários impulsionados por uma orientação socialista, em oposição à monarquia, e que almejavam a liberdade política. Um desses grupos, conhecido como narodniks, saíam das áreas urbanas e se deslocavam até as áreas rurais para atrair a população camponesa para a revolução. Nomeada “Ida ao Povo”, essa movimentação não resultou em sucesso, o que fez com que os narodniks adotassem outras estratégias. Pomar (2017, p. 14) diz que uma parte dos narodniks aderiram “à estratégia de atentados terroristas. O mais importante deles assassinou o tsar Alexandre II, em 1º de março de 1881”. Como resposta, o Império Russo perseguiu e reprimiu de forma violenta o movimento, culminando no seu fim.

Em 1883, os narodniks remanescentes criam o grupo Emancipação do

Trabalho, primeiro grupo marxista na Rússia.

Os dois projectos de programa dos sociais-democratas russos (de 1883 e 1885), escritos por Plekhánov e publicados pelo grupo Emancipação do Trabalho, foram um passo importante na preparação e formação do Partido Social-Democrata da Rússia. O grupo tinha estabelecido laços com o movimento operário internacional e, a partir do primeiro congresso da II Internacional, realizado em Paris em 1889, o grupo, durante todo o tempo da sua existência, representou a social-democracia russa em todos os congressos da Internacional. Ao mesmo tempo o grupo Emancipação do Trabalho caiu em sérios erros: sobrestimava o papel da burguesia liberal e subestimava o espírito revolucionário do campesinato como reserva da revolução proletária (GRUPO..., 2022).

O que norteava as ações do grupo era a corrente populista atrelada ao socialismo utópico. Os narodniks acreditavam que o desenvolvimento da luta revolucionária se daria apenas com personalidades heróicas na liderança e que a construção da história pelas massas não era possível, a elas cabia apenas o papel de contemplar os grandes feitos dos heróis e segui-los. Ignoravam o papel da classe operária no seio da luta revolucionária já que, em sua visão, apenas revoltas camponesas, lideradas por uma figura heróica, poderiam derrubar o czarismo. Além disso, não perceberam o equívoco que cometeram ao assassinar o czar Alexandre II, pois matar um único indivíduo não significava a destruição da autocracia⁵ czarista. Além disso, Alexandre II foi facilmente sucedido por Alexandre III. Os erros cometidos pelo grupo contribuíram para a sua dissolução em 1905.

Concomitantemente, ainda no final do século XIX, um pouco antes do grupo Emancipação do Trabalho se dissolver, surge o Partido Operário Social-Democrata Russo (POS DR). Fruto da união do operariado e de intelectuais, uma nova movimentação inicia, que resultaria no início da segunda revolução em 1917.

2.1 O PARTIDO

Em março de 1898 foi realizado o I Congresso do POS DR, responsável pela criação do partido. “No Congresso participaram 9 delegados de 6 organizações. No Manifesto do POS DR o Congresso proclamava a fundação do Partido Operário Social-Democrata da Rússia [...]” (I CONGRESSO..., 1977). A proclamação da

⁵ A autocracia é um tipo de governo onde o poder político fica concentrado em uma única pessoa. No caso da autocracia czarista o poder ficava concentrado nas mãos do czar, monarca que governava o Império Russo.

criação do Partido aconteceu, mas ele de fato ainda não possuía programa nem estatutos, o que ocasionou dispersões ideológicas e desarticulações internas, além da falta de organicidade⁶ dos seus membros.

A marcha ascendente, cada vez mais acentuada, do movimento operário e a clara iminência da revolução, reclamavam a criação de um partido único e centralizado da classe operária, capaz de pôr-se à frente do movimento revolucionário (HISTÓRIA..., 1999).

Não somente a falta de organização interna prejudicou a formação efetiva do Partido, mas também a perseguição czarista que desmantelava organizações exilando e encarcerando militantes. No entendimento de Lenin⁷,

[...] a organização do Partido político da classe operária devia ter como ponto de partida a criação de um periódico político combativo, destinado a toda a Rússia, no qual se fizesse propaganda e agitação em prol das ideias da social-democracia revolucionária, e que a criação deste periódico tinha que ser o primeiro passo para a organização do Partido (HISTÓRIA..., 1999).

O Partido definiu seu objetivo de organizar-se e, em dezembro de 1900, nasceu o periódico *Iskra* (A Centelha, em russo). O jornal, que circulou por toda a Rússia, teve forte influência na criação do Partido, pois sua redação foi responsável pela concepção do programa marxista e dos estatutos do Partido, além de se transformar em um marco orientador para organizar e centralizar seus militantes. “O lema do jornal era: ‘Da centelha surgirá a chama’.” (ISKRA..., [20–?]). Outro mérito do jornal foi ter criado as condições para que o II Congresso do POSDR acontecesse. O periódico consolidou no movimento revolucionário da época um objetivo específico e, nas suas publicações, colocou as maneiras de realizá-lo, além da teoria que levaria a prática em direção ao seu êxito. “A tendência da ‘Iskra’ triunfou entre as organizações social-democratas da Rússia.” (HISTÓRIA..., 1999).

O II Congresso aconteceu em julho de 1903, em Londres. Ainda de forma clandestina, pois a perseguição política ainda era uma realidade. A prioridade foi criar e aprovar o programa do Partido e seus estatutos. O programa aprovado foi o proposto pela *Iskra*, que consistia de duas partes, o programa máximo e o programa

⁶ O conceito de organicidade é a atuação constante e adequada de militantes presentes em movimentos. Pressupõe o bom senso e a irmandade na divisão de tarefas dentro dessas organizações.

⁷ Fundador, teórico e dirigente do Partido.

mínimo:

No programa máximo se falava da missão fundamental do Partido da classe operária: da revolução socialista, da derrubada do poder dos capitalistas e da instauração da ditadura do proletariado. No programa mínimo se expunham os objetivos imediatos do Partido, que podiam ser realizados sem aguardar que o regime capitalista fosse derrubado e se instaurasse a ditadura do proletariado, a saber: derrubada da autocracia czarista, implantação da República democrática, introdução da jornada de 8 horas para os operários, destruição de todos os vestígios feudais no campo, devolução aos camponeses das terras que lhes haviam sido arrebatadas pelos senhores de terra (os chamados "recortes") (HISTÓRIA..., 1999).

Depois da aprovação dos programas seguiu-se o debate sobre os estatutos do Partido. Como consequência das discussões que aconteceram, o Partido se dividiu em duas frações: mencheviques e bolcheviques.

2.2 AS DUAS FRAÇÕES

A social-democracia da Rússia estava dividida. De um lado, os mencheviques, unindo forças adversárias às ideias leninistas, instigavam a classe operária a submissão da burguesia. Do outro lado, os bolcheviques, dirigidos por Lenin, seguiam os princípios do marxismo-leninismo aplicando a teoria marxista nas condições materiais inerentes à sua época.

“A falta de um Partido unido traduzia-se na falta de unidade quanto à sua tática” (HISTÓRIA..., 1999). A estratégia era clara: destruir a autocracia czarista e construir o socialismo. No entanto, as táticas para alcançar esses objetivos divergiam entre as duas correntes. Na tentativa de resolver o problema foi chamado o III Congresso do Partido para que uma tática única fosse estabelecida. Os mencheviques se recusaram a participar. Chamaram o próprio Congresso, em abril de 1905 em Genebra, a conferência dos mencheviques. Ao mesmo tempo, em Londres, se reuniram os bolcheviques para, enfim, realizar o III Congresso do Partido. “Assistiram a ele 24 delegados em nome de 20 Comitês bolcheviques. Todas as grandes organizações do Partido achavam-se representadas nele” (HISTÓRIA..., 1999).

A diferença primordial entre as duas táticas era, em suma, o papel que o proletariado teria na revolução. Para os mencheviques (HISTÓRIA..., 1999),

[...] só pode ter como chefe a burguesia liberal. O proletariado tem que se aproximar dela e não dos camponeses. Para isto, o mais importante é não assustar a burguesia liberal com atitudes revolucionárias e não dar-lhe pretexto para voltar as costas à revolução, a qual se debilitará, se a burguesia liberal se desvia dela. [...] O proletariado tem seus interesses próprios e peculiares, interesses puramente operários, com os quais deve preocupar-se sem tentar erigir-se em chefe da revolução burguesa, que é uma revolução política geral e que afeta, portanto, a todas as classes e não ao proletariado somente.

Em oposição, a tática traçada pelos bolcheviques (HISTÓRIA..., 1999) dizia que:

a revolução só poderá triunfar se o proletariado se põe à frente dela, se este, como chefe da revolução, sabe assegurar sua aliança com os camponeses, se se isola a burguesia liberal, se a social-democracia toma parte ativa na organização da insurreição popular contra o czarismo, se, como resultado de uma insurreição triunfante, se instaura um governo provisório revolucionário, capaz de extirpar as raízes da contra-revolução e de convocar uma Assembléia Constituinte de todo o povo, e se a social-democracia não recusa, em condições propícias, participar neste governo provisório revolucionário para levar a revolução o seu termo.

Dois meses após o III Congresso, Lenin (agora fundador do Partido Bolchevique) escreve sobre essa cisão em seu livro “As duas táticas da social-democracia na revolução democrática”. Na obra, Lenin examina os problemas táticos dos mencheviques e tece críticas a eles, fundamenta as bases para construção da revolução socialista, o movimento de libertação do proletariado.

2.3 O ESTOPIM

Em janeiro de 1905, em um domingo, operários faziam uma manifestação pacífica que pedia melhorias na condição de vida dos trabalhadores. As tropas imperiais reprimiram de forma violenta a manifestação, ocasionando a morte de centenas de pessoas. Esse caso inflamou a pauta da luta proletária e gerou uma série de repercussões.

No mesmo ano, uma série de greves se alastraram de forma massiva pelo país. Começaram de forma isolada, por categorias específicas de trabalhos, mas conforme se estendiam para regiões vizinhas, trabalhadores de outras categorias e setores se orquestraram para que todas as fábricas parassem. Em outubro de 1905 a greve geral se estendeu por toda a Rússia. “Toda a vida do país ficou paralisada. O governo via-se atado de pés e mãos.” (HISTÓRIA..., 1999).

Lenin entendia que:

[...] o emprego das greves políticas de massas, o emprego das greves políticas gerais, que mais tarde, no transcurso da revolução, haviam de desempenhar um papel de primeira ordem para a mobilização revolucionária das massas. Era esta uma arma nova e importantíssima nas mãos do proletariado, arma desconhecida até então na atuação dos partidos políticos marxistas e que havia de adquirir mais tarde carta de cidadania (HISTÓRIA..., 1999).

Diversas foram as tentativas do governo czarista para conter e extinguir a revolução e “em colaboração com a polícia, espancavam e assassinavam impunemente os operários avançados, intelectuais e estudantes revolucionários, botavam fogo nos locais de reunião e dissolviam a tiros os meetings e as manifestações.” (HISTÓRIA..., 1999).

No entanto, o proletariado já estava lançado na luta contra o czarismo e, na tarefa de organizar internamente as greves, a massa operária tomou a iniciativa de criar comitês. Em outubro de 1905, surge o primeiro soviete (conselho, em russo) em Petersburgo.

[...] o primeiro soviete tinha algumas comissões. Tinha comissões fixas de greve, comissão financeira, de distribuição de víveres e uma comissão militar, que organizava a milícia operária encarregada do policiamento da cidade durante a greve - inclusive os enfrentamentos com a polícia do tsar e, onde era necessário, ações de guerrilha! (MOSCHKOVICH, 2017, p. 93).

Foi o primeiro soviet, inclusive, o responsável por organizar uma universidade com cursos de formação. De acordo com Moschkovich (2017), em uma ação conjunta ao partido bolchevique, o currículo incluía “cursos de introdução ao marxismo, formação de greves, agitação, propaganda etc.”. Assim como as greves, os sovietes se espalharam por toda a Rússia; a diferença é que tinham a direção dos bolcheviques, órgão que garantiu a organização e centralidade das ações revolucionárias.

Apesar dos avanços das ideias que a comoção do proletariado difundiu por toda a Rússia, a revolução de 1905 foi derrotada. A repressão czarista, cada vez mais intensa, não desistiu do seu objetivo de esmagar e destruir a organização do proletariado e, por isso, os revolucionários sofriam dificuldades advindas das consequências de suas atitudes radicais. Além dos ataques czaristas, os revolucionários sofriam com as disputas internas entre mencheviques e

bolcheviques, o que acabou desgastando o movimento e promovendo divergências e desorganização.

Entretanto, as perseguições czaristas e as disputas internas não impediram o propósito revolucionário de continuar, pois em 1917 uma nova onda revolucionária e mais organizada tomara as ruas da Rússia czarista.

2.4 RENASCE O PODER POPULAR

O ano de 1917 começa, logo em janeiro, sendo palco de novas greves massivas. Inicia com a organização de 2000 pessoas até que, em fevereiro, só na capital de Petrogrado, 200 mil se juntam ao movimento revolucionário. Em 26 de fevereiro é lançado um manifesto clamando a participação das massas para continuar a luta contra o czarismo e para a construção de um governo provisório.

A polícia czarista recebia ordens para acabar com as manifestações e greves, mas a ofensiva revolucionária, dessa vez, estava organizada e não demorou para que o trabalho prático do Partido Bolchevique gerasse frutos:

A 27 de fevereiro (12 de março), as tropas de Petrogrado se negaram a disparar contra os operários e começaram a passar para o lado do povo que se levantara em armas. Na manhã de 27 de fevereiro, os soldados sublevados não passavam de 10 mil; naquele mesmo dia, pela noite, já subiam a 60 mil (HISTÓRIA..., 1999).

Os ministros e generais czaristas começaram a ser detidos, os revolucionários e presos políticos eram libertados da cadeia. Em Petrogrado a revolução triunfou e, conforme a notícia desse êxito se espalhava, por toda a Rússia representantes do czar começaram a ser derrubados.

A revolução triunfou porque à frente dela se pôs a classe operária, acaudilhando o movimento de massas de milhões de camponeses fardados "pela paz, pelo pão e pela liberdade". A hegemonia do proletariado foi que assegurou o triunfo da revolução (HISTÓRIA..., 1999).

Esse triunfo muito deve, também, aos soviets. Eles eram a semente de um novo tipo de poder: o poder popular, o poder do povo, o poder revolucionário. Entretanto, os mencheviques viram nesse momento de insurreição uma oportunidade. Enquanto os bolcheviques queriam a paz depois da revolução, aos mencheviques interessava a continuidade da guerra. Dessa forma, adentraram os

soviets para ocupar postos de dirigência, aproveitando a ausência de dirigentes como Lenin e Stalin⁸, por exemplo. Em HISTÓRIA (1999), podemos ver que “[...] os mencheviques entendiam que a revolução já estava terminada e que o problema que então se apresentava era consolidá-la e entrar na trilha da vida ‘normal’, da vida constitucional, pelo braço da burguesia”.

Dois poderes estavam consolidados: “a ditadura da burguesia, encarnada no governo provisório, e a ditadura do proletariado e dos camponeses, representada pelo Soviete de deputados operários e soldados” (HISTÓRIA..., 1999). Para combater essa política de conciliação de classes exercida pelos mencheviques, o Partido Bolchevique retomou sua tarefa propagandística colocando em circulação novos jornais. Cinco dias depois da Revolução de Fevereiro, é publicado “*Pravda*”, em Petrogrado, e “O Social-Democrata”, em Moscou. O objetivo era enfraquecer a confiança na burguesia liberal e nos mencheviques.

Explicou pacientemente aos soldados e aos camponeses a necessidade de atuarem conjuntamente com a classe operária. Fez ver aos camponeses que não obteriam a paz nem a terra, se a revolução não continuasse a avançar, se o governo provisório da burguesia não fosse substituído pelo governo dos Soviets. (HISTÓRIA..., 1999)

Assim se encaminhava, pacientemente, o poder popular rumo à Revolução Socialista.

Depois da Revolução de Fevereiro, as organizações do Partido bolchevique, que sob as duras condições do czarismo tinham trabalhado ilegalmente, saíram da clandestinidade e começaram a desenvolver abertamente seu trabalho político e de organização. Naquela ocasião, o número de filiados do Partido bolchevique era de 40 a 45 mil. [...] Os Comitês do Partido foram reorganizados na base do centralismo democrático e se estabeleceu o princípio de designar por eleição de baixo para cima todos os órgãos do Partido. (HISTÓRIA..., 1999)

O centralismo democrático, na teoria de pensamento e organização elaborada por Lenin, defende que em uma organização marxista-leninista todas as decisões, divergências e ideias devem ser levadas para o núcleo da organização e decididas no núcleo dessa organização mediante o que a maioria do pleito decide. Lazzari (2021, p. 381) esclarece que isso

[...] é muito mais do que um método de trabalho interno aos Partidos Comunistas, estabelecido dogmaticamente. Ele é uma decorrência, de um

⁸ Nessa época, Lênin estava em emigração e Stalin deportado na Sibéria. (HISTÓRIA..., 1999).

lado, da multiplicidade de opiniões inerente ao proletariado [...] e, de outro, de uma necessária ação unificada para assegurar a vitória do proletariado sobre a burguesia.

As pessoas que ainda mantivessem discordância com o que fosse decidido poderiam manter suas discordâncias, porém jamais expressá-las no âmbito exterior ao do núcleo, no âmbito público. Socialmente, deveriam defender aquilo que foi decidido pela maioria do núcleo. Dessa forma, se mantém força e concretude das bandeiras a serem levantadas e das lutas a serem empreendidas que, no caso da Revolução de 1917, era a derrubada do governo provisório burguês e instauração do socialismo.

Essa consciência e prática organizativa era o que faltava para criar as condições de passagem à segunda etapa da revolução: o poder nas mãos do proletariado e dos camponeses. Foi no início de abril de 1917, quando Lenin regressa à Rússia, que o desacordo com o governo provisório é declarado.

Lenin assinalava [...] que, naquele momento, o Partido bolchevique estava em minoria dentro dos Soviets e que nestes predominava o bloco menchevique-social-revolucionário, que servia de veículo à influência da burguesia sobre o proletariado. (HISTÓRIA..., 1999)

O trabalho do Partido, naquele momento, era executar um trabalho de esclarecimento dentro dos próprios soviets, de recrutar e reconquistar a maioria dentro do órgão. Além disso, Lenin exigiu a mudança do nome do Partido Social-Democrata para Partido Comunista.

Era um nome manchado, desonrado pelos oportunistas, pelos traidores do socialismo. Lenin propunha que o Partido bolchevique adotasse o nome de Partido Comunista, que era como Marx e Engels chamavam o seu partido. (HISTÓRIA..., 1999)

Ainda em abril, novos protestos massivos acontecem, dessa vez, contra a política do governo provisório. Os bolcheviques continuam seu trabalho de esclarecimento nos soviets até que os mencheviques fossem expulsos dos órgãos. "Todo o poder aos soviets" era a palavra de ordem bolchevique. Em junho, o governo provisório lançou uma ofensiva com o objetivo de acabar com a revolução.

Não poderia caber a menor dúvida de que a ofensiva fracassaria, como, de fato, fracassou. O cansaço dos soldados, sua ignorância dos fins perseguidos com a ofensiva, desconfiança nos comandos, estranhos à

tropa, a escassez de munições e artilharia, tudo isso contribuiu para o fracasso da ofensiva na frente (HISTÓRIA..., 1999).

A notícia sobre a ofensiva se espalhou e a indignação do proletariado acerca dessa manobra não podia mais ser contida. Estava clara a intenção de continuidade da guerra por parte do governo provisório e suas tentativas de enganar o povo. Em julho, as manifestações aumentaram e, algumas delas, empunhavam armas. A ação armada não era aprovada pelo Partido Bolchevique, mas, percebendo que as massas não podiam mais ser contidas, tomaram parte do processo para dar organização às manifestações.

O Partido bolchevique conseguiu o que se propunha e centenas de milhares de manifestantes marcharam para o Soviet de Petrogrado e o Comitê Executivo Central dos Soviets, onde exigiram que estes tomassem conta do poder, rompessem com a burguesia imperialista e empreendessem uma política ativa de paz (HISTÓRIA..., 1999).

Em resposta, os mencheviques, unidos à burguesia do governo provisório, lançaram tropas contra os manifestantes. “Pelas ruas de Petrogrado correu abundantemente o sangue dos operários e dos soldados.” (HISTÓRIA..., 1999). Depois de esmagada a manifestação, assassinatos e prisões se sucederam durante o mês de julho. No entanto, a influência do Partido Bolchevique não diminuiu, só aumentou ainda mais. As pessoas filiadas aos mencheviques rompiam e, em massa, abandonavam a organização, para pedir admissão junto aos bolcheviques. Não havia mais a possibilidade de a revolução acontecer de forma pacífica. Stalin dizia que a única solução viável era “derrubar o governo provisório e tomar o Poder pela força. E só o proletariado, aliado aos camponeses pobres, podia tomar o Poder pela força” (HISTÓRIA..., 1999).

Em 24 de outubro tropas foram enviadas ao centro de Petersburgo para cercar o Palácio de Inverno. No dia seguinte, foram tomadas as estradas de ferro, correios, telégrafos, ministérios e bancos. “Com o estrondo de seus canhões, apontados para o Palácio de Inverno, o cruzador ‘Aurora’ anunciou, a 25 de outubro, o começo da nova era, a era da Grande Revolução Socialista” (HISTÓRIA..., 1999). O governo provisório foi preso no interior do Palácio de Inverno e o poder, enfim, passado para as mãos dos soviets. De outubro de 1917 a janeiro de 1918 a revolução soviética tomou toda a Rússia. Foi o triunfo da Revolução Socialista.

Neste capítulo, vimos o caminho trilhado pelos revolucionários em direção ao socialismo. Abordar a política czarista, que iniciou nos anos 1700, elucidou algumas das motivações que fizeram a classe operária e camponesa a se organizar contra a autocracia. No entanto, essa organização levou anos para se desenvolver. Ela inicia no final dos 1800, com as ações dos narodniks e o surgimento do POSDR. No início do século XX, o Partido promoveu um congresso para a formação do seu programa e estatutos. As discussões provenientes desse momento geraram a divisão do Partido entre bolcheviques e mencheviques. Enquanto o primeiro era dirigido por Lenin e seguia o marxismo-leninismo, aplicando a teoria marxista, o segundo unia forças adversárias às ideias leninistas e instigava a classe operária a submissão da burguesia.

A propaganda do socialismo, levada adiante pelo Partido Bolchevique, resultou em um momento chave para a revolução de 1917: a primeira parte da revolta, o ano de 1905. As greves que se alastraram pelo país inteiro, a organização da classe operária e camponesa nos soviets, culmina na revolução de 1917 e finalmente o czarismo é derrubado. Junto dele, um governo de miséria, fome, exploração e violência afunda. Desse naufrágio, surge um novo sistema: o socialismo. Nele, finalmente, o povo pode ter acesso a alimentação, melhores condições de trabalho e, seguindo a linha proposta por este trabalho, uma educação transformadora e libertadora.

3 A PEDAGOGIA SOCIALISTA

“Os comunistas não inventaram a influência da sociedade na educação; eles só alteraram o seu caráter, eles retiram a educação da influência da classe dominante.”

Karl Marx e Friedrich Engels

Neste capítulo, veremos no que resultou o trabalho dos soviets na educação e, mais especificamente, no campo do ensino de arte. Após a vitória da revolução era preciso reorganizar todos os âmbitos da sociedade e a educação ocupava papel primordial neste processo. Era de entendimento de todos no Partido a importância da educação para a formação do novo ser humano almejado pela sociedade socialista. Nesse sentido, a matéria de Arte na Escola-Comuna tinha a capacidade e competência para abranger uma série de especificidades relativas à vida e de dialogar com outros campos abordados na escola.

Ainda em outubro de 1917 ocorreu o II Congresso dos Soviets e, dele, se organizou o primeiro governo soviético. O Conselho de Comissários do Povo, totalmente formado por bolcheviques e presidido por Lenin.

Para consolidar o Poder Soviético era necessário destruir, romper o antigo aparelho do Estado burguês e substituí-lo pelo novo aparelho do Estado Soviético. Era necessário, também, destruir os restos do regime de castas e de opressão nacional, abolir os privilégios da Igreja, acabar com a Imprensa contra-revolucionária e com as organizações contra-revolucionárias de todo gênero, tanto legais como ilegais, e dissolver a Assembléia Constituinte burguesa. (HISTÓRIA..., 1999)

Privilégios de casta foram abolidos, a plena igualdade de direitos foi declarada lei e a Igreja foi separada do Estado e da escola. A tarefa de organizar os novos rumos da educação ficou sob responsabilidade do Comissariado Nacional da Educação (NarKomPros), presidido pelo Comissário do Povo para a Educação, A. V. Lunacharsky. Acerca disso, Krupskaya⁹ conta que

A tarefa de construção da nova escola foi assumida por muitos pedagogos. A maioria sabia apenas uma coisa: que a nova escola não deveria

⁹ Pedagoga, membro da Comissão Estatal para a Educação e presidente da Seção Científico-pedagógica, ambos órgãos do NarKomPros.

parecer-se com a antiga, que nela deveria reinar um espírito completamente diferente, que não podia esmagar a personalidade da criança, como foi esmagada pela escola antiga. (1924, apud PISTRÁK, 2009, p. 103)

A situação dos professores e das crianças da classe trabalhadora no período autocrático czarista era aterrador. Aos professores, era proibido que ensinassem algo além da alfabetização básica, dar livros ou falar sobre os processos de libertação de outros povos às crianças. Além disso, era obrigatório o ensino religioso e a reverência a Deus e aos czares. Para garantir que essas obrigações fossem cumpridas, os professores contratados eram pessoas que não tinham domínio de saberes e as aulas eram constantemente monitoradas pelas autoridades. O objetivo era manter o povo na ignorância (inclusive os próprios professores, retroalimentando esse ciclo), limitar seu acesso ao aprendizado e à informação. “Dessa forma, a criança sai da escola sabendo pouco, do mesmo jeito que entrou nela.” (KRUPSKAYA, 2017, p. 22).

As escolas no campo eram poucas e, mesmo quando existiam, as crianças camponesas mal as frequentavam. A mãe e o pai precisavam sair para trabalhar, então a presença dos filhos era necessária nos trabalhos em casa cuidando dos irmãos, dos animais, do trabalho doméstico como um todo.

Nos centros urbanos, as escolas voltadas às crianças da burguesia proviam bons professores, boa educação. Essas crianças iriam suceder os negócios das famílias, por isso sua formação devia ser condizente ao papel que exerceriam no futuro. Às crianças operárias restavam as escolas públicas que, pela grande reserva de trabalho formada pela classe trabalhadora, estavam sempre lotadas e com filas de espera. Para as crianças dos centros urbanos restava trabalhar nas fábricas, ou crescer na rua. Acerca desses casos Krupskaya (2017, p. 24) diz o seguinte:

As crianças estão envolvidas no trabalho da indústria artesanal desde os 5-8 anos de idade. Elas são encarregadas de algumas operações, mas elas trabalham como adultos e, frequentemente, com a mesma carga horária deles. [...] Sem movimento, sem ar limpo, em habitação sufocante, a criança definha, o trabalho monótono de manhã até a noite não fornece alimento para sua inteligência, não a desenvolve, a criança torna-se indolente, obtusa.

A respeito da situação das crianças em situação de rua ela diz:

Durante o dia, indo para o trabalho, a operária deixa as crianças sob os cuidados de uma vizinha de idade, e quando crescem um pouco, deixa até

mesmo sem supervisão nenhuma. As crianças crescem quase na rua. Elas passam fome, frio, andam esfarrapadas, sujas e desde a infância vivenciam tudo - a embriaguez, a baderna, as brigas e assim por diante. (KRUPSKAYA, 2017, p. 25-26)

“A adoração pelo poder, pela riqueza e pela educação burguesa é ensinada aos estudantes a partir de pouca idade.” (KRUPSKAYA, 2017, p. 68). A educação das crianças da classe operária e camponesa estimula a concorrência, a competição, isola o ensino do resto da vida, esmaga o sentimento de solidariedade.

Para que essa nova escola não apresentasse resquícios da classe dominante, algumas exigências foram apresentadas pela classe operária: a educação deveria ser gratuita e obrigatória para todas as crianças de ambos os sexos; ser laica; deveria obedecer a uma organização democrática com participação e controle da população; deveria garantir aos professores a plena liberdade de opinião e também o direito da população de receber educação na sua língua materna (KRUPSKAYA, 2017).

Em 16 de outubro de 1918 a Comissão Estatal para a Educação publicou a “Declaração sobre os princípios fundamentais da escola única do trabalho”. No documento estão explicitadas as reformas que a escola precisaria sofrer para solucionar o problema da luta de classes no ensino e construir uma educação e escola socialistas.

3.1 ESCOLA ÚNICA E DO TRABALHO: O EXPERIMENTO DA ESCOLA-COMUNA

Uma das preocupações do NarKomPros era assegurar que toda e qualquer pessoa tivesse acesso à escola e a educação de qualidade. Para que isso ocorresse, concluíram que essa nova escola deveria seguir alguns princípios. Ao contrário da escola burguesa, que estimulava o pensamento individualista e a competição entre a classe trabalhadora, a escola socialista visava a construção de um espírito coletivo entre as pessoas. Segundo Marx (1844 apud KRUPSKAYA, 2017, p. 251),

educar as crianças significa alimentá-las e libertá-las da necessidade de ganhar para sua sobrevivência. Sustento e educação das crianças abandonadas significa a alimentação e educação de todo o proletariado em crescimento, significaria a destruição do proletariado e do pauperismo.

Para que essa construção se efetivasse era necessária a participação de toda a comunidade escolar, principalmente da própria população, e proporcionar sua organização coletiva, desenvolvendo o sentimento de que a escola também é sua e o entendimento de que a escola é extremamente necessária para a vida de todos. Abrir este espaço e permitir às famílias que participem, por exemplo, da seleção dos professores, da organização das tarefas das crianças, colabora para a criação de “uma forte ligação da escola com a população, com seu trabalho, com toda sua vida econômica [...]” (KRUPSKAYA, 2017, p. 105).

A reconstrução da escola e a destruição do seu caráter de classe foi uma tarefa tomada como urgente por todo o Partido. Por isso, boa parte do orçamento nacional foi direcionado para que esses objetivos fossem alcançados e, para garantir a democratização da educação, a escola foi tornada gratuita, acessível, obrigatória, única e do trabalho.

A escolha do Comissariado em utilizar a palavra “única”, não implica que seu significado se esgote na simples definição de unicidade e de uniformidade. Não era coerente às ideias do Partido fazer com que a escola sofresse um processo de limitação, anti-dialético e anti-marxista. Torná-la única significa, nas palavras de Lunacharsky,

que todo o sistema de escolas regulares, do jardim da infância até a universidade, constitui em si uma única escola, uma única escada contínua. Isto significa que todas as crianças devem entrar em um único e mesmo tipo de escola, e começar sua educação igualmente; significa que todas elas têm direito a avançar pela escada até seus níveis mais altos. (1918 apud KRUPSKAYA, 2017, p. 287)

Isto significa que o Comissariado determinou um programa mínimo que leva em conta matérias básicas para todos os níveis e a seguridade da implementação de metodologias de ensino modernas. A escola única não é rígida, pois cada escola possui suas próprias condições materiais, além de especificidades que compõem cada um dos seus contextos regionais. São essas complexidades e o respeito à elas que vão auxiliar a equipe pedagógica e os professores a chegarem ao método de abordagem das matérias que, conseqüentemente, alcançará a sua segunda característica: a escola do trabalho.

Falar que a escola é do trabalho não significa lançar as crianças e jovens no ambiente da fábrica, por exemplo, para que façam o trabalho dos adultos.

Transformar a escola em escola do trabalho significa que o trabalho, enquanto parte constitutiva da vida, se torne método de estudo. Significa ouvir a criança, seus desejos e seus interesses, para que ela compreenda o que é o trabalho produtivo. “Carregar água, rachar lenha é trabalho; colher plantas medicinais, desenhar cartazes, organizar o museu escolar, costurar para os pequenos do jardim de infância, catar cogumelos e ramos - tudo isso é trabalho.” (KRUPSKAYA, 2017, p. 111).

Cada nível escolar se apoia em processos diferentes de trabalho respeitando os limites das crianças de acordo com sua idade. O caráter da escola do trabalho não é treinar os estudantes para um determinado tipo de função, mas oferecer a todos a prática, o conhecimento das variadas formas de trabalho que existem. Krupskaya esclarece de que forma os estudantes aprendem isso quando diz que:

[...] a criança deve aprender todas as disciplinas passeando, colecionando, desenhando, fotografando, modelando, fazendo colagem de papelão, observando as plantas e os animais, criando e cuidando deles. A língua, matemática, história, geografia, física e química, botânica e zoologia - todas as matérias de ensino não apenas aceitam o método de ensino ativo e criativo, mas o exigem (2017, p. 290).

Tornar a escola do trabalho implica no desenvolvimento de hábitos de organização nas crianças, na sua auto-organização e, para a concretização desse elemento, o jogo tem papel fundamental nessa construção.

Os jogos mais prazerosos, mais necessários para as crianças são aqueles em que as próprias crianças colocam os objetivos do jogo: construir uma casa, ir para Moscou, preparar o jantar, matar ursos etc. O processo do jogo consiste na concretização destes objetivos: as crianças fazem planos e escolhem meios para sua realização. [...] Em conhecido estágio de desenvolvimento a criança começa a não se satisfazer com esquemas (trem de cadeiras, casa de lascas - e outros) e começa a considerar meios reais de concretização. Muda também o caráter dos objetivos que ela se coloca (KRUPSKAYA, 2017, p.119-120).

Na escola czarista as atividades desempenhadas pelos estudantes se limitavam a sentar, ouvir e memorizar o que era dito. As crianças não cresciam psicologicamente. Na escola do trabalho elas têm papel ativo: perguntam, observam, experimentam, se movimentam, erram e aprendem com os erros, se emocionam, formam suas habilidades sociais, se reconhecem no coletivo.

A velha escola não se importava com nada. Para a escola soviética, tudo é de sua responsabilidade. [...] É necessário consertar a estrada. A estrada está ruim. As crianças entendem a importância disso. Isso as agita. O próximo passo é: o que nós, coletivo escolar, podemos fazer para consertar essa desordem? E aqui começa o trabalho extremamente importante: determina-se a medida das forças possíveis para as crianças, suas habilidades, o desenvolvimento de um plano de trabalho. Falta habilidade. Podemos adquiri-la? Em que momento e de que forma? Será que há força física suficiente? Como distribuir o trabalho entre si da melhor forma? Elas chegam à conclusão de que sozinhas não podem lidar com isso. Com quem devem combinar? Quem pode ser envolvido no trabalho? Como fazer isso? (KRUPSKAYA, 2017, p. 133).

Em 1918, o Comissariado Nacional para a Educação anuncia a criação das Escolas Experimentais-Demonstrativas, as Escolas-Comunas. Eram locais que reuniam educadores experientes que empregavam suas forças em resolver, na prática, a elaboração da nova pedagogia e da escola única e do trabalho. A finalidade das Escolas era, após as experiências, transferir esses conhecimentos e resultados para as escolas regulares.

A divulgação dos novos programas, em julho de 1923, foi feita para que os trabalhadores da educação conhecessem, estudassem e se preparassem para a utilização dos programas que entrariam em vigor um ano depois. (FREITAS, 2009 apud PISTRÁK, 2009, p. 14).

Em 1923 são elaborados os primeiros programas a partir das experiências das Escolas-Comunas para, então, em 1924, serem levados às escolas regulares.

3.2 O ENSINO DE ARTE NA ESCOLA-COMUNA

A base da organização do trabalho desenvolvido em Artes na Escola-Comuna ficou a cargo de diversos artistas e educadores especialistas na área, entre eles Yakov Alexandrovich Bashilov. Nascido em 1882, Bashilov se envolveu com as artes plásticas já no início dos anos 1900, estudou na MUZhVZ (Escola de Pintura, Escultura e Arquitetura de Moscou) e participou de exposições realizadas pela escola. Começou a lecionar em universidades em 1911 e contribuiu com trabalhos teóricos para a área de educação artística. Publicou livros até 1940, ano de sua morte.

Na Escola-Comuna, Bashilov foi dirigente da área de educação artística a

partir da década de 1920. Em 1924, Pistrak¹⁰ (2009) reuniu numa coletânea as experiências vividas por professores e professoras, crianças e jovens na primeira Escola-Comuna da Rússia. Nessa coletânea, o responsável pelo texto da área de Artes foi Bashilov inicia sua contribuição da seguinte forma:

“Pai, existem coelhos azuis?” - “Existem, meu amigo, existem” - respondeu o pai sem levantar a cabeça. Esta frase de Infância e juventude de Leon Tolstoi vem à cabeça, quando se compara a escola pré-revolucionária e a nossa escola no campo da “arte”. A escola do passado, com raras exceções, é parecida com este pai que não levanta a sua cabeça ocupado com “seu” trabalho, e a ela, marginalmente, foi ligada fracamente as belas-artes [...]. A revolução obrigou a mudar esta situação pela raiz, ela exigiu da escola que as “artes” penetrassem em toda vida escolar, impregnassem todos os seus poros, dessem toda a forma do conteúdo artístico na escola, e às vezes até fora da escola. (1924 apud PISTRÁK, 2009, p. 433)

A escola czarista (escola do passado, de acordo com Bashilov) alienava suas crianças, transformando-as em adultos alienados. Isolava tanto a escola quanto o trabalho da vida da população. O processo contrário acontecia na Escola-Comuna, porque a realidade concreta e os acontecimentos da atualidade faziam parte do cotidiano escolar.

Muito presente na Rússia do início do século XX, a caricatura tinha papel fundamental na formação cultural da população russa, ocupou posição de influência durante a revolução e não poderia ser ignorada enquanto fenômeno da atualidade. “[...] ela, de uma ou outra forma, influencia as crianças, e a escola está obrigada a colocar atenção também neste aspecto da vida.” (BASHILOV, 1924 apud PISTRÁK, 2009, p. 436). Propiciar um espaço de debate na sala de aula era primordial para o incentivo à construção de ferramentas de análise e crítica das crianças e jovens, à formação da aptidão para a pesquisa, à produção artística na sala de aula.

“Sem dúvida, a própria vida dá uma grande quantidade de materiais às crianças.” (BASHILOV, 1924 apud PISTRÁK, 2009, p. 433). Não apenas fenômenos externos à escola se tornam assunto, mas também demandas da própria comunidade escolar são trabalhados com a mesma importância. As organizações de matinês e festas (dentro e fora da escola), por exemplo, são feitas pelas próprias crianças que, neste processo, nas aulas de Artes, lidam com aspectos referentes à auto-organização e ao trabalho coletivo. As crianças também são incentivadas a

¹⁰ Moisey M. Pistrak foi uma das lideranças nas primeiras décadas de construção das Escolas-Comunas.

registrarem suas ações e percepções, como Bashilov destaca:

“Todos desenham cartazes para a festa da comuna de Paris. Iniciaram com entusiasmo...” - escreve uma aluna do grupo II em seu relatório sobre a aula de ‘arte’. Eis outra anotação: “Rapidamente prepararam-se para a festa de Necrasov. Um grupo preparou trajes (três pessoas); outro desenhou a decoração (seis pessoas). Algumas pessoas fizeram esboços; outros ajudaram a todos no trabalho”. (1924 apud PISTRÁK, 2009, p. 434)

Em outro trecho evidenciado por Bashilov, mais um aluno faz suas colocações:

Examinamos os desenhos (escreve no relatório um dos alunos do grupo II) da aula passada (festa de Korolenko) dos grupos I e II. Alguns foram bem-sucedidos... A aula transcorreu da melhor forma, todos estavam mais ou menos interessados, as ideias apresentaram-se ruidosamente, de modo interessante e vivamente. A mim, pessoalmente, a aula agradou muito, e gravou-se mais profundamente na minha memória, do que as aulas comuns. (1924 apud PISTRÁK, 2009, p. 434)

O trabalho executado, embora coletivo, não inibe as individualidades dos estudantes. Pelo contrário, é justamente nesses tipos de trabalhos que as subjetividades de cada um são reveladas e a criatividade de cada um amplificada. Nesses momentos também ficam explícitas as habilidades desenvolvidas durante outras ocasiões de suma importância para Bashilov: as excursões, momentos em que estudantes e professor saíam da sala de aula para estudar ao ar livre, visitar galerias, exposições de arte e locais de trabalho da população. Segundo ele,

[...] as crianças entram na escola em sua maioria muito pouco desenvolvidas. A maioria, ao ver um autorretrato, imediatamente faz a pergunta: “Quem desenhou você?” “Eu mesmo” - respondo. E revela-se, que muitas crianças nem pensaram, como isso é feito. E imediatamente depois disso coloca-se a questão: “Com que é feito?” Aqui, mais do que tudo, além de emoções, aparecem as questões técnicas de ordem artística, o aspecto material; [...] (1924, apud PISTRÁK, 2009, p. 437)

Frequentemente as crianças se interessavam pela produção artística dos professores. Bashilov afirma que, ao organizar as excursões para exposições e galerias de arte, o papel das crianças de meras apreciadoras de objetos de arte era transformado. Elas se tornavam participantes ativas em uma série de processos de desenvolvimento crítico com relação à arte e, por esse motivo, as saídas eram planejadas respeitando a forma com que cada grupo se relacionava com a arte. Em um primeiro momento, se cumpria uma etapa de familiarização com a pintura russa,

de contato com obras que representavam o dia a dia, o cotidiano do povo russo. A partir disso, ampliava-se o leque de representações para obras abstratas, por exemplo. Com relação aos registros feitos pelos alunos sobre as excursões, Bashilov destaca dois:

“[...] Todos tomaram parte ativa no exame dos quadros... Esta excursão levou-nos a compreender que para conhecer a galeria Tretiakovsk é insuficiente visitá-la duas ou três vezes... [...] Foi manifestado o desejo de organizar mais algumas excursões à galeria Tretiakovsk para conhecer outros artistas. Em geral, acho que este ano o interesse pela arte em nosso grupo aumentou”. (28 de outubro de 1921; relato de aluna do grupo III A) (1924 apud PISTRÁK, 2009, p. 438)

O segundo relato, feito pelo grupo III em 1922, reúne as ideias apresentadas pelos alunos acerca das exposições de pintores ambulantes:

Os Peredvizhniki atuais degeneraram-se; já não são os quadros antigos ambulantes fortes e severos da vida do povo. Eles pintam temas variados. Sua pintura atrasou-se da vida... Em suas obras as cores são interessantes; em outras, a luz, e em outras ainda, a ideia. Os Peredvizhniki pintam plenamente o real. (BASHILOV, 1924 apud PISTRÁK, 2009, p. 439)

Além das visitas às galerias e exposições de arte, um outro tipo de excursão também era feita: a ida às fábricas. O objetivo era estudar a fábrica como um organismo vivo e as relações presentes nela e, para isso, levavam apenas lápis e papel. A variedade de desenhos que emergiam desses estudos eram prova da potencialidade de desenvolvimento multilateral que todo ser humano possui, de que limitar cada pessoa a um tipo de trabalho contribui para a alienação da sociedade. Ao propor que o grupo fizesse desenhos dos trabalhadores da fábrica, Bashilov teve como resposta dos alunos resquícios do pensamento pequeno-burguês em suas falas. Uma das alunas expressou seu desconforto em retratar os trabalhadores ao dizer que “é incômodo... que eles trabalhem e nós ‘brinquemos’.” (BASHILOV, 1924 apud PISTRÁK, 2009, p. 440).

Bashilov relata que ele mesmo iniciou o trabalho e fez um esboço de um dos trabalhadores. Essa ação chamou a atenção de outros trabalhadores que se aproximaram do grupo e começaram a conversar. Dia após dia, a noção que as crianças tinham do que era a fábrica mudava, a relação entre elas e os trabalhadores se desenvolvia e a imagem que tinham dos operários se transformou. O resultado dessas excursões às fábricas encontrava-se nas ligações que as

crianças estabeleciam nas suas ilustrações com temas voltados para outras ciências, como história, matemática etc. Acerca disso, Bashilov diz que:

Poderia-se, provavelmente, fazer a objeção de que o campo da arte diminui-se por tal subordinação a outras disciplinas. Não há o que temer neste caso [...]. Ante meus olhos passa uma série inteira de desenhos das crianças, onde com êxito percebe-se o movimento do trabalhador, ou sua figura cansada durante o intervalo, ou o perfil característico de algum herói do trabalho que trabalhou na fábrica 40 ou 50 anos. (1924 apud PISTRÁK, 2009, p. 441)

A ida à fábrica desenvolve a habilidade de observação, a sensibilidade do olhar, se edifica a importância da arte na vida. A coletânea de experiências organizada por Pistrak (2009) sobre a Escola-Comuna não reúne apenas as percepções dos professores e das crianças que participavam do cotidiano escolar. Bashilov, ao abordar a importância do trabalho desenvolvido pela Escola, relata a surpresa de um guia de exposições com relação às ideias trazidas pelas crianças durante uma das excursões:

[...] depois de dois ou três dias de nossa excursão, colocou-me a questão: “Diga, por favor, com quais crianças vocês estiveram em nossa exposição? Que escola era? Eu depois ainda conduzi, no mesmo dia, duas excursões com crianças da mesma idade, e surpreendeu-me como os seus são ativos, compreendem a essência da arte, facilmente orientam-se nas questões e respostas”. (1924 apud PISTRÁK, 2009, p. 439)

Apesar de todo esse trabalho, ainda era comum que crianças chegassem às Escolas com a opinião preconcebida de que o ensino de artes era dispensável, questionando para que serviria o campo da arte no trabalho. Desmantelar o pensamento pequeno-burguês também era parte do trabalho de Bashilov e de toda a organização da escola.

“É importante nas primeiras conversas afirmar a posição de que o campo da arte é tão interessante e rico como qualquer outro, e além disso, ele tem sua própria especificidade, ampliando até o infinito as forças criativas da pessoa.” (BASHILOV, 1924 apud PISTRÁK, 2009, p. 443). Fruto da proposta multidisciplinar da pedagogia socialista, a matéria de Arte era a que mais permitia diálogo com e entre todos os outros campos, pois sua amplitude de abordagens era capaz de desenvolver o objetivo primordial do socialismo, construir um novo ser humano.

4 CONCLUSÃO

Tudo começou em 2019.

Com o desejo de ser justa nas avaliações de desempenho dos meus alunos.

Com uma conversa com meu amigo.

Com uma pontinha de curiosidade.

Com um empurrãozinho na beira do penhasco.

Com o primeiro contato com a obra de Krupskaya.

Foi em 2019 que, sem querer, cruzei com a pedagogia socialista.

Foi em 2022 que, também sem querer, o trabalho de conclusão de curso se tornou oportuno para dar continuidade àqueles encontros, para se jogar da beira do penhasco.

Chegando no fundo do penhasco, me deparei com um vale amplo, enorme.

Andando por ele me peguei pensando: "existia aula de artes na União Soviética? Como faziam isso?".

Encontrar a resposta para essas perguntas foi o que levou ao surgimento deste trabalho. Com a ajuda do materialismo histórico-dialético pude entender as motivações dos pedagogos e pedagogas que almejavam uma educação para todo o povo russo, sem distinção de classe.

A miséria, a fome, a violência sofrida pela população russa durante o regime czarista eram avassaladoras. A classe operária enfrentava um regime de trabalho exaustivo, sem direitos garantidos; as crianças filhas da classe operária e camponesa tinham acesso restrito à educação (e quando conseguiam, não era de qualidade). Tanto tempo de sofrimento incrustado no povo russo fez aumentar a chama do desejo por uma vida melhor. Aos poucos, pelo contato com a filosofia marxista, cometendo erros e passando por percalços, uma cultura proletária e revolucionária foi se desenvolvendo. Dessa cultura emergiram os soviets, o Partido Bolchevique, o Partido Comunista e o triunfo da revolução socialista.

Porém, mesmo vitoriosos, a luta não cessou. Ela continuou, no cotidiano do povo russo, essa vitória não fosse em vão.

Se o que levou à revolução foi a cultura proletária e revolucionária, a educação deveria ter atenção especial nessa nova forma de governo. E assim aconteceu. Boa parte do orçamento nacional foi destinado à educação, à formação de comissões e grupos de especialistas em pedagogia que, juntos, reconstruíram a

escola. O caráter de classe foi arrancado da educação, ela se tornou gratuita, acessível e obrigatória. Mas para além disso, as comissões formadas por especialistas em educação transformaram a escola em única e do trabalho.

Tornar a escola em única e do trabalho garantiria de que toda criança e jovem na Rússia seguisse o mesmo percurso, do jardim de infância até a universidade; para que a juventude, desde cedo, entendesse sua relevância na sua própria individualidade e na coletividade, entendesse a importância de se desenvolver enquanto ser humano multidisciplinar. O local escolhido para experimentar essas novas propostas seriam as Escolas Experimentais-Demonstrativas, que ficaram conhecidas como Escolas-Comunas.

Bashilov, artista, professor e teórico da área de educação artística, orquestrou os princípios da escola única e do trabalho com o ensino de arte. As experiências vividas pelos professores e pelas professoras de arte ficaram registradas em uma coletânea que, a meu ver, é suficiente para responder a pergunta que me fiz no início deste trabalho: "como a arte foi abordada na pedagogia socialista da União Soviética durante a década de 1920?". Foi pela validação dos conhecimentos das crianças e da sua realidade, dos seus desejos, dos seus interesses, do desenvolvimento da habilidade de observação e da sensibilização do olhar. As idas à exposições e galerias de arte e as excursões às fábricas eram palco para desenvolver a capacidade de leitura e interpretação de obras de arte, de imagens que faziam parte do cotidiano e da atualidade de todo cidadão russo. O respeito e reconhecimento dos diversos tipos de trabalho e o exercício para dismantelar o pensamento de que a arte é um trabalho de pouca importância.

Descobrir que o ensino de arte ocupava lugar de importância na construção da pedagogia socialista instiga, em mim, um debate sobre a possibilidade de aplicação dessa proposta no Brasil de 2022. Sem a possibilidade de cometer um movimento anti-dialético, a ideia não seria copiar a proposta e aplicá-la sem uma avaliação criteriosa. Embora geográfica e temporalmente diferentes, as realidades entre o Brasil de 2022 e a Rússia pré-revolucionária carregam um inimigo comum: a luta de classes na sociedade capitalista. Esperar por uma revolução para só então pôr em prática as propostas da pedagogia socialista, pode não ser uma tática acertada. Embora carreguemos um inimigo comum, o Brasil de 2022 e a Rússia pré-revolucionária são geográfica e temporalmente diferentes: nossas condições materiais não são as mesmas, nossas necessidades imediatas não são as mesmas.

Não existe esperar pelo momento certo, porque o momento certo é o agora. A pergunta que poderíamos fazer é: “de que forma podemos utilizar a pedagogia socialista no ensino contemporâneo de arte no Brasil?”.

Sei que na conclusão da monografia não é recomendado trazer referências que não foram mencionadas ao longo do texto, mas, enquanto estudante de Artes Visuais, me permito a licença poética para encerrar este trabalho com um trecho do Manifesto da Federação Ambulante dos Futuristas:

Basta. Nós, proletários da arte, chamamos os proletários das fábricas e das terras à terceira revolução, incruenta mas brutal, a revolução do espírito. Exigimos que reconheçam:

I. A separação entre a arte e o Estado. A extinção do patrocínio com privilégios e do controle no domínio da arte. Abaixo os diplomas, títulos, os postos e honrarias oficiais.

II. A transferência de todos os recursos materiais artísticos - teatros, capelas, locais de exposição, prédios da academia e das escolas de arte - para as mãos dos próprios mestres no ofício para que toda a classe artística possa fruí-los com direitos iguais.

III. A universalização da educação artística, pois acreditamos que as bases da futura arte livre só podem sair das entranhas da Rússia democrática, que até agora esteve faminta do pão da arte.

IV. O confisco imediato, junto com os de gêneros, de todas as reservas estéticas que jazem sem uso, para emprego equânime e regular de toda a Rússia. Viva a terceira revolução, a Revolução do Espírito!

D. Burluik, V. Kamenski, V. Maiakóvski.
Jornal dos Futuristas, Moscou, 16 de março de 1918

Viva a arte-educação! Vivam os arte-educadores!

Até a vitória, sempre!

REFERÊNCIAS

I CONGRESSO do POSDR. **Obras escolhidas**. Lisboa: Editorial Avante!, 1977.
Disponível em:
https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/c/congresso_posdr_primeiro.htm Acesso em: 7 nov. 2022.

AMAZONAS, João. **Rússia, 1917: gloriosa experiência histórica**. Dez. 1992.
Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/amazonas/1992/mes/russia.htm>.
Acesso em: 19 out. 2022.

Grupo emancipação do trabalho (Osvobodjénie Truda). Disponível em:
https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/g/grupo_emancip_trabalho.htm
m Acesso em: 26 out. 2022.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

História do partido comunista (Bolchevique) da URSS. Pernambuco: Edições Centro Cultural Manoel Lisboa, 1999. Disponível em:
<https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/historia/index.htm> Acesso em: 1 nov. 2022.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

KRUPSKAYA, N. K. **A construção da pedagogia socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

LAZZARI, Gabriel. **A que herança não renunciamos?** In: LANDI, G; LAZZARI, G. (org.). O centralismo democrático de Lênin. São Paulo: Lavra Palavra, 2021. p. 381-396.

LENIN, V.I. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

LOSURDO, Domenico. **A luta de classes: uma história política e filosófica**. São Paulo: Boitempo, 2015.

MOSCHKOVICH, Diego. **Pensamentos sobre as raízes da cultura revolucionária soviética**. In: CALDART, R.; BÔAS, R. (org.). Pedagogia socialista: legado da revolução de 1917 e desafios atuais. São Paulo: Expressão Popular, 2017. p. 13-39.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PISTRAK, M. M. (Org.). **A escola-comuna**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

POMAR, Valter. **A Revolução, cem anos depois**. In: CALDART, R.; BÔAS, R. (org.). *Pedagogia socialista: legado da revolução de 1917 e desafios atuais*. São Paulo: Expressão Popular, 2017. p. 13-39.

ANEXO A - TRANSCRIÇÃO DA PROCLAMAÇÃO DO COMISSÁRIO DO POVO PARA A EDUCAÇÃO¹¹

PROCLAMAÇÃO DO COMISSÁRIO DO POVO PARA A EDUCAÇÃO

29 de outubro de 1917

Sobre a educação nacional

Cidadãos da Rússia!

Com a insurreição de 25 de outubro, as massas trabalhadoras, pela primeira vez, conquistaram o verdadeiro poder.

O Congresso dos Soviets de Toda a Rússia transferiu temporariamente esse poder para o seu Comitê Executivo e para o Conselho de Comissários do Povo.

Pela vontade do povo revolucionário, fui nomeado comissário do povo para a educação. A tarefa da direção geral da educação nacional, no que se refere ao poder governamental central, será doravante responsabilidade, até a Assembleia Constituinte, da comissão estatal para a educação nacional, da qual o presidente e executor é o comissário do povo.

Quais são as proposições fundamentais em que se apoiará a comissão estatal? Como determinar a esfera de sua competência?

Linhas gerais da atividade educacional

Todo poder verdadeiramente democrático no campo da educação, em um país onde impera o analfabetismo e a ignorância, deve colocar como seu primeiro objetivo a luta contra esta escuridão.

Ele deve alcançar, tão logo possível, a universalização da alfabetização através da organização de uma rede de escolas para atender as demandas da pedagogia moderna, introduzir o ensino universal obrigatório e gratuito e, ao mesmo tempo, organizar uma série de institutos e seminários para professores que, o mais rapidamente possível, irá produzir um poderoso exército de professores do povo, tão necessário para o ensino de toda a população desta imensa Rússia.

Mas uma verdadeira democracia não pode se limitar à simples alfabetização e à educação inicial universal. Ela deve aspirar à organização de uma escola

¹¹ Fonte: KRUPSKAYA, N. K. **A construção da pedagogia socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017, p.267-273.

absolutamente laica, única e para todos os cidadãos, em todos os níveis. O ideal é que esta igualdade também seja possível na mais alta educação para todos os cidadãos. Por enquanto, ela não se concretizou para todos - a passagem natural por todos os níveis da escola, até a universidade, a passagem para os níveis superiores, deve ser colocada na dependência exclusiva dos talentos do estudante e sem qualquer dependência do nível de riqueza de sua família.

Uma organização verdadeiramente democrática da educação é particularmente difícil de se implementar em um país empobrecido em consequência de uma longa e criminosa guerra imperialista. Mas o povo trabalhador, tendo tomado o poder, não pode esquecer que o conhecimento servirá para ele como sua maior arma na sua luta por uma vida melhor e pelo seu crescimento espiritual. No entanto, por mais necessidade que tenhamos de reduzir outros itens do orçamento nacional, os gastos com a educação nacional devem ser altos: um orçamento generoso para a educação é o orgulho e glória de toda nação. Os povos livres e soberanos da Rússia não esquecerão disso.

A luta contra o analfabetismo e a ignorância não pode limitar-se à organização correta do ensino escolar para as crianças, adolescentes e jovens. Os adultos também vão querer escapar da condição humilhante de uma pessoa que não sabe ler e escrever. A escola para os adultos deve ocupar um grande lugar no plano geral da educação nacional.

Instrução e educação

Deve-se enfatizar a diferença entre instrução e educação.

Instrução é a transmissão de conhecimento pronto pelo professor a seu aluno. A educação é um processo criativo. Por toda a vida, a personalidade do indivíduo “educa-se”, amplia-se, é enriquecida, se fortalece e se aperfeiçoa.

As massas populares que labutam - operários, camponeses e soldados - estão sedentas de alfabetização e de todas as ciências. Mas também estão sedentas de educação. No entanto, nem o governo, nem os intelectuais, nem qualquer outro poder externo dará isso a elas. A escola, os livros, o teatro, os museus etc. podem ser, nesse caso, apenas uma ajuda. As massas populares produzirão sua própria cultura consciente ou inconscientemente. Elas têm suas ideias formadas por sua posição social, que é muito diferente da posição das classes dominantes e dos intelectuais que produziram a cultura até agora. Têm suas

próprias ideias, suas próprias emoções, sua própria maneira de abordar todas as questões da personalidade e da sociedade. O trabalhador da cidade, segundo sua própria concepção, e o trabalhador do campo, de acordo com a dele, vão construir sua clara visão de mundo permeada pelo pensamento da classe trabalhadora. Não há fenômeno mais magnífico e belo do que esse no qual os nossos descendentes mais próximos irão tomar parte e testemunhar: a construção, pelo trabalho coletivo, de sua alma universal, rica e livre.

A instrução é importante, mas não é um elemento decisivo. O que é mais importante aqui é a crítica e a criatividade das massas, pois a ciência e a arte têm apenas em algumas de suas partes um significado humano universal: elas passam por mudanças substanciais com cada revolução profunda das classes.

Em toda a Rússia, sobretudo entre os trabalhadores da cidade, mas também entre os camponeses, surgiu uma poderosa onda de movimento cultural educacional e as organizações desse tipo estão se multiplicando rapidamente entre operários e soldados; ir ao encontro delas para apoiá-las em todas as formas possíveis, abrir-lhes o caminho, é a principal tarefa do governo revolucionário e popular no campo da educação pública.

Descentralização

A Comissão Estatal de Educação Popular não é de modo algum um poder central para gerir instituições de ensino e educação. Ao contrário, toda tarefa escolar deve ser transferida aos órgãos de autodireção local. O trabalho independente dos operários, soldados e camponeses, de estabelecer por sua própria iniciativa organizações culturais e educacionais, deve ter plena autonomia, tanto em relação ao governo central, como em relação ao governo municipal.

O trabalho da Comissão Estatal serve de ligação e ajuda para organizar fontes materiais, ideológicas e morais para as instituições de ensino municipais e particulares e especialmente para aquelas com caráter de classe em escala estatal nacional.

O Comitê Estatal para a Educação Nacional

Uma série inteira de valiosos projetos de lei foi elaborada, desde o início da Revolução, pelo Comitê Estatal para a Educação Nacional, suficientemente democrático em sua constituição e rico em especialistas experientes. A Comissão

Estatual deseja, sinceramente, uma colaboração planejada com este comitê. A Comissão Estatal se dirigiu ao escritório do comitê para solicitar que seja convocada de imediato uma reunião de emergência do comitê para a implementação dos seguintes programas:

1. Revisão das regras de representação no comitê, no sentido de sua maior democratização.
2. Revisão dos direitos do comitê com o espírito de ampliá-los e transformar o comitê em um instituto fundamental do Estado para a elaboração de projetos de lei para a plena reorganização do ensino e da educação nacional na Rússia, com base nos princípios democráticos.
3. Uma revisão, conjuntamente com a nova Comissão Estatal, das leis já criadas pelo comitê, requerida pelo fato de que, ao editá-las, o comitê deveria ter considerado o espírito burguês dos ministérios anteriores que as obstruiu, no entanto, nesta forma limitada.

Após essa revisão, as leis serão colocadas em prática sem nenhuma lentidão burocrática, de uma forma revolucionária.

Os professores e a sociedade

A Comissão Estatal saúda os professores na arena do honroso e radiante trabalho de educar o povo: os donos do país.

Nenhuma medida no campo da educação nacional deve ser adotada, por qualquer que seja o poder, sem a consideração atenta da voz dos representantes do mundo pedagógico.

Por outro lado, nenhuma decisão pode ser tomada exclusivamente através da colaboração de especialistas. Isso vale também para a reforma das instituições de educação geral.

A cooperação dos professores com as forças sociais - eis o que será perseguido pela Comissão junto a sua composição, no Comitê Estatal e em todas as suas atividades.

Como primeira tarefa, a comissão indica a melhoria da situação dos professores e, antes de tudo, daqueles que são os mais desfavorecidos e, no entanto, são os mais importantes colaboradores para o trabalho da cultura: os professores da escola primária. Suas justas reivindicações devem ser atendidas

imediatamente e a qualquer custo. O proletariado das escolas tem exigido sem sucesso o aumento do salário para cem rublos por mês. Seria uma vergonha manter por mais tempo na pobreza a grande maioria dos professores das crianças russas.

Assembleia Constituinte

Sem dúvida, a Assembleia Constituinte em breve começará seu trabalho. Só ela pode realmente definir de modo permanente a ordem da vida nacional e social em nosso país, e ao mesmo tempo o caráter geral da organização da educação nacional.

Agora, porém, com a passagem do poder aos Soviets, o caráter realmente popular da Assembleia Constituinte está assegurado. A linha que vai ser seguida pela Comissão Estatal, apoiando-se no Comitê Estatal, dificilmente sofrerá qualquer alteração sob a influência da Assembleia Constituinte. Sem prejudicar antecipadamente seu valor, o novo governo do povo considera-se no direito, nesse domínio, de pôr em prática uma série de medidas que visam enriquecer e esclarecer o mais breve possível a vida espiritual do país.

O ministério

As atividades atuais devem, por enquanto, prosseguir através do Ministério da Educação Nacional. Todas as alterações obrigatórias imediatas em sua composição e a construção ficarão a cargo da Comissão Estatal, escolhida pelo Comitê Executivo dos Soviets e pelo Comitê Estatal. É claro que o ordenamento final da direção estatal no campo da educação nacional será definido pela Assembleia Constituinte. Até lá, o ministério deve desempenhar o papel de aparato executivo tanto junto à Comissão Estatal para a Educação, como para o Comitê Estatal para a Educação Nacional.

A promessa de salvar o país está na cooperação viva e genuína de suas forças democráticas.

Acreditamos que a união dos esforços do povo trabalhador e dos intelectuais educados e honestos conduzirá o país da crise dolorosa, através de uma democracia plena, para o reino do socialismo e da fraternidade dos povos.

Comissário do Povo para a Educação,
A. V. Lunacharsky

ANEXO B - TRANSCRIÇÃO DA DELIBERAÇÃO DO COMITÊ EXECUTIVO CENTRAL DE TODA A RÚSSIA ¹²

DELIBERAÇÃO DO COMITÊ EXECUTIVO CENTRAL DE TODA A RÚSSIA

Sobre a Escola Única do Trabalho da República Socialista Federativa Soviética (regulamento).

I. Regulamento geral sobre a Escola Única do Trabalho

Artigo 1º. É atribuído o nome “Escola Única do Trabalho” a todas as escolas da República Socialista Federativa Soviética, que estejam na jurisdição do Comissariado do Povo para a Educação, com exceção das instituições de ensino superior.

§1. As escolas, individualmente, serão nomeadas pela palavra “soviética”, com a indicação da localidade, número da escola e nível de ensino - por exemplo: “Escola Soviética 3 de primeiro grau do distrito de Narvskogo da cidade de Petrogrado”.

§2. Fica abolida a divisão das escolas em primárias, primárias superiores, escolas secundárias, escolas especializadas, artesanais, escolas técnicas, comerciais e todos os outros tipos de escolas elementares e secundárias.

§3. A partir de primeiro de outubro de 1918 todas as instituições de ensino de todos os departamentos administrativos passam a ficar sob a jurisdição do Comissariado do Povo para a Educação (Col. de Leis e Reg. Gov. e Kr. Prav., 1918, n. 39, p. 607).

Artigo 2º. A Escola Única é dividida em dois graus: o primeiro grau para crianças entre 8 a 13 anos (curso de 5 anos) e o segundo grau para crianças de 13 a 17 anos (curso de 4 anos).

§1. À Escola Única une-se o jardim da infância para crianças de 6 a 8 anos de idade.

§2. Os órgãos de administração da escola podem revogar um ano estabelecendo exceções à norma de idade com aprovação do Conselho Provincial de Educação.

¹² Fonte: KRUPSKAYA, N. K. **A construção da pedagogia socialista.** São Paulo: Expressão Popular, 2017, p. 275-284.

§3. A permanência dos estudantes na escola para além da norma estabelecida, bem como a recepção de crianças com idade maior do que a norma, é permitida por deliberação do Conselho da Escola.

Artigo 3º. O ensino nas escolas de primeiro e segundo graus é gratuito.

Artigo 4º. A frequência às escolas de primeiro e segundo graus é obrigatória para todas as crianças em idade escolar.

§ único. Para a colocação em prática desta medida o Departamento de Educação Nacional deve imediatamente desenvolver um plano para a rede escolar, um balanço de todas as crianças em idade escolar entre 6 e 17 anos, bem como a preparação de estimativas de custo para construção e equipamento de escolas, pessoal de manutenção, estimativas de custos para a organização da nutrição das crianças, para proporcionar-lhes sapatos, roupas e material escolar. A escolaridade obrigatória é introduzida imediatamente onde a quantidade de escolas é suficiente para atender toda a população de crianças e as condições gerais de acesso à educação estão disponíveis. Para as crianças analfabetas, mas que pela sua idade não podem ser recebidas nas escolas de tipo regular, devem ser organizadas classes especiais na Escola Única ou atividades extracurriculares especiais.

Artigo 5º. Na escola de primeiro e segundo graus é introduzida a coeducação (Col. Leg., 1918, número 38, p. 499).

Artigo 6º. Não é permitido no interior da escola o ensino de qualquer credo e a realização de cerimônias de culto. (Col. Leg. 1918, número 18, Art. 263).

Artigo 7º. A divisão dos professores em categorias fica eliminada. Todos os funcionários da escola (Art. 8) são remunerados pelo salário da categoria 1 do decreto do Conselho do Comissariado do Povo “Sobre as normas de pagamento do trabalho dos professores” (Col. Leg, 1918, número 47, p. 552).

§1. O pagamento do professor não é feito por hora, mas por mês.

§2. O pagamento especial de funcionários da escola acima da norma estabelecida não é permitido.

Artigo 8º. Todos os funcionários da escola, ou seja, professores, médicos escolares e instrutores de trabalho físico são eleitos em conformidade com a decisão sobre a eleição de todos os cargos pedagógicos e administrativo-pedagógicos de 27 de fevereiro de 1918 e instruções do Comissariado do Povo para a Educação.

§1. Os trabalhadores escolares adjuntos estão autorizados a trabalhar nas escolas do Departamento de Educação Nacional e durante a execução deste trabalho gozam de todos os direitos dos funcionários da escola.

§2. Em caso de impossibilidade para atender as necessidades econômicas da escola pelas forças do coletivo escolar (Art. 26) pode ser convidado pessoal técnico por contrato que participará das discussões econômicas, mas não se envolverá no trabalho educativo.

§3. A participação de trabalhadores escolares na atividade de outras escolas é permitida com a autorização correspondente do Departamento de Educação Nacional local.

Artigo 9º. Junto ao Comissariado do Povo para a Educação e aos Departamentos de Educação Nacional é permitido criar a função de instrutores. A obrigação dos instrutores é visitar periodicamente as escolas e manter a sua ligação viva com o respectivo Conselho de Educação e ajudar os professores no seu trabalho educacional.

Artigo 10º. O número de estudantes para cada trabalhador da educação não pode ser superior a 25; dessa forma, o número total de funcionários da escola, em cada instituição, deve ser determinado com base nesta disposição.

§ único. Exceções a estas regras podem ser tratadas pelo Departamento de Educação Nacional.

Artigo 11º. O presente regulamento (Art.1-32) aplica-se a todas as escolas que surgem da iniciativa privada. A esta última pode-se proporcionar apoio estatal com a condição de reconhecimento de seu valor pelo Departamento de Educação Nacional local.

II. Princípios fundamentais da escola do trabalho

Artigo 12º. Na base da vida escolar deve estar o trabalho produtivo, não como meio de pagamento dos gastos de manutenção das crianças e não só como método de ensino, mas especialmente como trabalho produtivo socialmente necessário. Ele deve ser fortemente organizado em ligação com o ensino, lançando a luz do conhecimento a toda a vida circundante. Gradualmente sendo cada vez mais complexo, o trabalho produtivo deve familiarizar a criança com uma ampla variedade de formas de produção, até as mais complexas.

§1. O princípio do trabalho torna-se um meio poderoso de ensino se o trabalho na escola for criativo, alegre, livre de violência contra a personalidade do estudante e com tudo isso, planejado e organizado socialmente. Neste último sentido, a escola é uma comuna escolar forte e organicamente ligada com os processos de trabalho, com a vida circundante.

§2. A antiga forma de disciplinamento, sufocando toda a vida escolar e o livre desenvolvimento da personalidade da criança, não pode ter lugar na escola do trabalho. O próprio processo de trabalho irá educar nas crianças aquela disciplina interna sem o que é impensável organizar de maneira racional o trabalho coletivo. As crianças têm participação viva em todos os processos de trabalho da vida escolar, entre os quais as questões de organização que surgem da divisão do trabalho e que devem desempenhar um papel educativo muito importante. Com isso, os estudantes aprendem a avaliar as formas de planejamento de gasto de energia das pessoas no trabalho e desenvolvem seu sentimento de responsabilidade em relação àquela parte do trabalho que recai sobre a vontade de cada um deles em um dado trabalho coletivo, bem como a eficácia do trabalho como um todo. Em resumo, o trabalho produtivo coletivo e a organização da toda a vida da escola devem formar os futuros cidadãos da República Socialista.

Artigo 13º. O ensino na escola do trabalho tem caráter de educação geral politécnica em ambas as etapas, sendo que a educação estética e física ocupam um lugar destacado.

§1. As instruções, os programas-exemplo e as notas explicativas serão publicadas separadamente.

§2. O plano de estudos, tanto do primeiro como do segundo graus deve ter considerável flexibilidade na aplicação às condições locais. Além disso, a introdução de uma ou outra disciplina para grupos específicos de estudantes é possível, sem prejuízo da integridade do curso.

III. Ordem e condições da escala de trabalho

Artigo 14º. Os trabalhadores escolar durante o ano se dividem em três categorias: 1) horário normal da escola, aproximadamente de 1 de setembro a 1 de junho; 2) trabalhos escolares ao ar livre, de aproximadamente 1 de junho a 1 de julho: *playground*, colônias de verão, excursões para familiarizar as crianças com a natureza e a vida; 3) férias plenas, aproximadamente de 1 de julho a 1 de setembro,

de 23 de dezembro a 7 de janeiro e de 1 a 14 de abril. A escola comemora os feriados civis estabelecidos pelo Governo Operário-Camponês.

§ único. A direção do Departamento de Educação Nacional pode reduzir o tempo de férias plenas e modificar a distribuição dos trabalhos durante o ano.

Artigo 15º. A escola está aberta para os estudantes nos sete dias da semana.

§1. Dois dias na semana, mas não em seguida, separam-se do total do número de dias de aula, sendo que um dia é completamente livre de atividades normais e deveria ser usado para leitura, excursões, espetáculos e outros trabalhos independentes das crianças, para os quais novas forças pedagógicas são envolvidas. O outro dia é dos trabalhadores de meio período com o pessoal pedagógico comum e usa-se para trabalhos de laboratório e no clube, ensaios, passeios, assembleias de estudantes.

§2. Cada trabalhador escolar tem um dia livre na semana.

Artigo 16º. Qualquer que seja o programa de trabalhos escolares para os estudantes, na escola de primeiro grau ele não deve exceder, nos primeiros três anos, a 4 horas e, nos restantes dois anos, a 5 horas, sendo que no segundo grau não excederá a 6 horas.

Artigo 17º. Solicitar lições obrigatórias e trabalhos para casa não é permitido.

Artigo 18º. Não é permitido nenhum tipo de punição na escola.

Artigo 19º. Todos os exames - introdutórios, intermediários e finais - ficam cancelados.

Artigo 20º. A divisão em classes, tanto quanto possível, deve ser substituída pela divisão em grupos de acordo com o grau de prontidão do estudante para o correspondente gênero de trabalho.

§ único. Passar para um grupo superior que não corresponda à idade é permitido apenas por um parecer conclusivo do médico escolar.

Artigo 21º. Em todas as escolas de todos os tipos é introduzida a obrigatoriedade de um pequeno-almoço quente, gratuito para as crianças, em correspondência com a idade, de acordo com as normas higiênicas fixadas.

Artigo 22º. Todas as escolas, tanto de primeiro como segundo graus, devem ter supervisão médica regular.

Artigo 23º. No ingresso da criança na escola é requerido um minucioso exame médico para determinar seu estado de saúde física e mental.

Artigo 24º. Com a insuficiência de postos de trabalho na Escola Única, a ordem de substituição dos postos vazios é determinada pelo respectivo Departamento de Educação Nacional.

Artigo 25º. Para cada escola deve ser concedido um lote de terra livre de construções com não menos de 1 hectare nas zonas rurais e nas zonas urbanas, na medida do possível, não inferior a 500 metros quadrados.

§ único. Os lotes de terra concedidos a escolas recém-abertas devem aproximar-se das normas da zona rural.

IV. Princípios fundamentais da auto-organização na Escola Única do trabalho

Artigo 26º. O coletivo escolar de cada escola é constituído por todos os seus estudantes e trabalhadores.

Artigo 27º. O órgão responsável pela autodireção escolar é o Conselho Escolar constituído de a) todos os trabalhadores escolares; b) representantes da população de trabalhadores de um dado bairro escolar na quantidade numérica correspondente de trabalhadores escolares; c) a mesma proporção de estudantes de grupos etários mais velhos, a partir de 12 anos de idade e d) um representante do Departamento de Educação Nacional.

Artigo 28º. A vida interna do Coletivo Escolar nos marcos das decisões dos órgãos centrais e locais do Comissariado do Povo para a Educação regula-se pelas assembleias gerais e de grupos do Coletivo Escolar.

Artigo 29º. O órgão executivo do Conselho Escolar é a Mesa Diretora que reúne o trabalho da Comissão Executiva, organizado pelo Conselho Escolar e pelo Coletivo Escolar.

Artigo 30º. As decisões do Conselho Escolar se aplicam a todas as questões da vida escolar e não devem violar as disposições gerais da Escola Única e os regulamentos do Departamento de Educação Nacional do Conselho de Deputados de Trabalhadores e Camponeses e podem ser objeto de recurso pelo representante da Seção.

§ único. O recurso não interrompe a decisão do Conselho Escolar, mas a questão é submetida ao Departamento de Educação Nacional.

Artigo 31º. Estão na competência do Conselho Escolar a análise e decisão das seguintes questões:

- a) distribuição dos estudantes em grupos e a saída da escola;

b) solicitação ao Departamento de Educação Nacional para liberação de estudantes de aulas em uma dada escola;

c) aprovação de planos e programas de constituição de grupos dentro das diretrizes do Comissariado do Povo para a Educação e do Departamento de Educação Nacional local;

d) aprovação de regulamentos e planos de trabalho educacionais, produtivos e agrícolas das escolas;

e) elaboração de orçamentos anuais e relatórios sobre o trabalho educacional do Coletivo Escolar;

f) análise e aprovação do projeto de educação escolar (sobre a estrutura interna da vida da comuna escolar).

Artigo 32º. A vida interna da comuna escolar deve basear-se no princípio da plena liberdade de associação de todos os membros do coletivo em grupos e clubes, com objetivos de educação e formação, por exemplo, associações de professores, associações de jovens etc.

V. Medidas para colocar em prática o plano de transformação da escola

Para colocar em prática o plano indicado são propostos os tipos 3 e 4 de escolas primárias convertidas em uma escola de primeiro grau de 5 anos, o que, desde o começo do ano escolar em todas as escolas primárias acrescenta um ano adicional de estudos. No grupo etário mais velho participam as crianças que se formaram este ano nas escolas primárias. As chamadas escolas tipo 2, com um curso de cinco anos no total, constituem escolas de primeiro grau.

Todas as escolas secundárias como também as que se aproximam do seu tipo, governamental, pública e privada, são separadas com referência ao seguinte plano de ginásios masculinos isolados: as três primeiras classes normais de preparação se transformam em escola de primeiro grau e são convertidas em escolas independentes e transformadas em gerais para os níveis básicos indicados. Este ano se adiciona o primeiro ano de estudo e, se há necessidade, então também o segundo (até constituir o 5º ano); 4, 5, 6 e 7 classes, formam o segundo grau; o oitavo ano é abolido.

As escolas primárias superiores e as que se aproximam do seu tipo - ex. escolas comerciais - transformam-se em escolas de segundo grau, para o que se

elimina o primeiro ano de estudos e se adiciona o grupo mais velho de formandos de instituições de ensino no ano em curso.

Este plano é um exemplo de transformação das antigas escolas de primeiro e segundo grau e pode ser modificado pelo respectivo Departamento de Educação Nacional.

Assinado

Presidente do Comitê Executivo Central de Toda a Rússia

- Ya. Cverdlov.

Diretor Adjunto do Comissário do Povo para a Educação

- M. Podrovsky.

Secretário do Comitê Executivo Central de Toda a Rússia

- V. Avanesov.

APÊNDICE A – PROJETO DE CURSO

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1.1 ÁREA DO CONHECIMENTO: Artes Visuais.

1.2 RESPONSÁVEL: Lilo Ceccatto Luchese.

1.3 E-MAIL PARA CONTATO: ccluchese@ucs.br

2 DADOS ESPECÍFICOS DO CURSO

2.1 TÍTULO

A arte na pedagogia socialista: a União Soviética da década de 1920.

2.2 JUSTIFICATIVA

A violência simbólica e física realizada pelo regime czarista contra sua população tem alguns aspectos conservados no sistema capitalista até hoje, sobretudo a alienação. Como romper com essa forma limitadora de vida utilizando a arte na sala de aula? De que forma os pioneiros da educação socialista podem embasar o que abordamos em aula e como nos relacionamos com a juventude?

A adolescência é uma fase da vida onde aquele indivíduo, antes criança, agora começa a se entender enquanto ser humano pertencente e agente na sociedade. É o momento de desenvolvimento da identidade e da estruturação do pensamento crítico.

Assim como não existe um tipo de infância, também não existe um tipo de adolescência. Todo sujeito se encontra inserido em um contexto social, dentro das próprias condições materiais, com anseios e preocupações diferentes.

Os ambientes que esse sujeito se encontra (seja familiar, escolar, na comunidade onde mora) influenciam diretamente no desenvolvimento da sua expressividade, na sua integração e interação com o mundo e como as diferentes possibilidades culturais chegam até ele.

2.3 OBJETIVO GERAL

Ampliar o repertório teórico de arte-educadores apresentando os processos que culminaram no desenvolvimento da pedagogia socialista.

2.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a. Conhecer a Revolução Russa e seus antecedentes;
- b. Construir paralelos entre os antecedentes da Revolução e a atualidade brasileira;
- c. Debater sobre a realidade da educação no Brasil;
- d. Conhecer as propostas da educação socialista;
- e. Conhecer o trabalho realizado nas Escolas-Comunas na disciplina de artes;
- f. Refletir sobre a aplicabilidade do trabalho das Escolas-Comunas em artes na realidade brasileira;
- g. Analisar propostas de planos de aula.

2.5 PÚBLICO ALVO

Curso destinado a professores em geral, mas especialmente a arte-educadores.

2.6 CARGA HORÁRIA DO CURSO

20 horas (5 encontros com 4 horas de duração).

2.6.1 Dias previstos

Encontros aos sábados.

2.6.2 Horário

Das 9h às 11h. E das 14h às 16h.

3 RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS

- Projetor para slides e vídeos;
- Caixa de som.

4 PROGRAMA DE CONTEÚDOS/CONHECIMENTOS

- Encontro 1: Revolução Russa e seus antecedentes. Reflexão sobre a realidade brasileira no sistema capitalista;

- Encontro 2: propostas da educação socialista. Reflexão sobre a realidade da educação brasileira no sistema capitalista;
- Encontro 3: proposta do ensino de arte na educação socialista. Reflexão sobre a realidade da arte-educação brasileira no sistema capitalista;
- Encontro 4: análise de propostas pré-prontas para aulas de arte;
- Encontro 5: desenvolvimento de propostas para aulas de arte baseadas na pedagogia socialista. Socialização das propostas e aplicação com o grupo.

5 RESULTADOS ESPERADOS

Ao final do curso espera-se que os participantes compreendam o processo revolucionário que culminou na reforma de todo o ensino na Rússia. O objetivo não é que repliquem os resultados na realidade brasileira, mas que percebam que o trabalho a ser desenvolvido no ensino de arte deve mirar em um horizonte de libertação, tanto mental quanto físico.

REFERÊNCIAS

- História do partido comunista (Bolchevique) da URSS.** Pernambuco: Edições Centro Cultural Manoel Lisboa, 1999. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/historia/index.htm> Acesso em: 1 nov. 2022.
- KRUPSKAYA, N. K. **A construção da pedagogia socialista.** São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx.** São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- PISTRAK, M. M. (Org.). **A escola-comuna.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.